



Imagens da Selva de Pedra e do conjunto da rua do Chichorro, com suas grades que o isolam do burburinho das ruas do bairro.

Em seguida, é mostrado novamente o Catumbi. Mais especificamente, o conjunto da rua do Chichorro, para onde foram realojadas as 72 famílias que moravam na área do Ferro de Engomar. Para resolver questões de segurança e controle, os moradores fecharam o conjunto: colocaram grade e guarita, nomearam um síndico e instituíram regulamentos. “Mudar de lugar significou, também, mudar conceitos”, diz o comentário *off*. Corte para cenas de pessoas conversando numa rua tradicional do Catumbi, onde, provavelmente, foi feita a segunda entrevista, também em *off*, provavelmente com um antigo morador, que responde a uma única pergunta sobre a diferença entre morar num conjunto habitacional, que é “fechado e tem vigia na porta” e “aqui, na rua”, onde “não tem vigia, não tem nada”:

A diferença, que você sabe, em todos os conjuntos habitacionais ou em edifício, pode ser na Zona Norte, na Zona Sul, tem que existir um porteiro. Aquele porteiro, entendeu, é um guarda. Aqui não tem, porque aqui é casa e não há necessidade de vigia, porque nós somos vigias uns dos outros.



Situações de lazer nos espaços livres do Catumbi.

Carlos Nelson menciona que a escritora Jane Jacobs diz “uma coisa parecida sobre as cidades americanas”, enquanto as imagens mostram homens jogando dominó na calçada, jovens jogando vôlei e empinando pipa, crianças brincando nas ruas. As vozes *off* prosseguem: “O lazer está sempre presente onde houver movimento, e o espaço permita que a imaginação tome conta dele”, diz Arno. “Mas, ô Arno, você não acha que os espaços especializados demais, e planejados de forma rígida, tornam isso mais difícil?”, pergunta Carlos Nelson. “Claro. O lazer está no cotidiano. Com isso não quero dizer que não tenha regras, mas não se acerta muito com os regulamentos impostos de fora”, responde. É mostrada

e comentada uma foto da rua Emília Guimarães, na qual se via que o lazer pode funcionar como uma “fronteira”, servindo tanto para juntar como para separar pessoas e grupos.



Fotografia da rua Emília Guimarães, e desenho feito a partir dela com a indicação da divisão no lazer de homens, mulheres e crianças; a montagem das fotos de uma rua, e uma cena típica de quintal.

Volta a cena do escritório e as vozes tornam-se novamente *in*, ou seja, os comentaristas são ouvidos e também vistos. Enquanto Carlos Nelson monta com as mãos uma seqüência de fotos, Vogel explica o que seria uma “rua”, uma “casa” (já em *off*, tendo ao fundo um samba, sobre imagens de quintais), e as relações entre ambos (agora escuta-se ao fundo o chorinho do início): “Sabe que uma casa às vezes vira rua? É quando o espaço privado é uma extensão do público, ou é tratado dessa forma. E há vezes em que acontece o contrário, e a rua é que vira casa”⁴¹. Cenas de crianças brincando, pessoas conversando, passando, passeando, ou simplesmente “estando” na rua.



Algumas situações onde “a rua vira casa”, e Mello entrevistando um morador num momento de grande movimento do bar e armazém São José.

No bar e armazém São José, exemplo de um espaço considerado pelos moradores tanto rua como casa - segundo a pesquisa -, é feita a terceira entrevista. Nesta, diferentemente das anteriores, são vistos o entrevistado, o entrevistador (um pouco de costas) e o ambiente ou a

⁴¹ No livro, também é tratada essa questão da perda de fronteiras, da ausência de oposições ou distinções entre casa e rua - e também entre público e privado, dentro e fora, masculino e feminino, trabalho e lazer (72-75;128-129), apontando, portanto, para a existência de um processo cristalino, de passagens e trocas recíprocas entre duas categorias. Entretanto, em nenhum momento aparece, no corpo do texto, a expressão “Quando a rua vira casa” (ou sua inversão “Quando a casa vira rua”), embora ambas estejam presente no comentário do filme. Como a expressão surgiu, justamente, durante a realização do filme - quando o texto do livro já estava pronto -, ela só pode ser incorporada como título, em substituição ao título original, “A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro” (que acabou como subtítulo).

situação onde acontece a entrevista. Perguntado como combinava “esse negócio de trabalho e lazer”, o homem responde:

Trabalho e lazer, vou te dizer. Eu combino tudo numa coisa só. Eu tô trabalhando, tô fazendo lazer. Eu tô em casa, tô fazendo lazer também. No trabalho, entorno uma cervejinha. Em casa, entorno uma cervejinha também. Tudo igual, eu misturo tudo. Meu negócio é sossego.

Outro exemplo de rua virando casa: uma procissão. Uma senhora idosa, que dá seu nome e se identifica como a presidente de honra da Irmandade do Divino Espírito Santo do Catumbi, dá um depoimento sobre essa festa religiosa, e finaliza reclamando que, agora, “a capela nós não temos mais, porque jogaram no chão. A prefeitura tomou a capela.” Em seguida, são mostrados mais dois depoimentos de antigos moradores: o primeiro (tomado no mesmo bar da última entrevista) manifesta-se animadamente em defesa do bairro; o segundo, revelando ter sido o primeiro presidente da associação de moradores, conta a história de mobilização e luta contra a destruição imposta pelo plano urbanístico ao Catumbi.



Os três depoimentos e a feira na rua Emília Guimarães.

Enquanto a câmera circula pela feira do bairro, Arno, em voz *off*, comenta que, no final, os moradores saíram vitoriosos. “O Catumbi não vai mais abaixo, vai ser preservado. Essa história tem um *happy end*.” Carlos Nelson, entretanto, faz uma ressalva: “Mas eu acho que as coisas não são nem tão simples nem tão separadas. Tem muito morador que tá noutra. Quer progresso, prédios altos, conjuntos fechados, muito automóvel, os viadutos e os túneis.” Surge uma seqüência de desenhos de crianças, que, segundo Arno, “percebem o dilema entre o moderno e o tradicional” pelo qual passa o bairro: “Há os que querem o tempo de ontem, no espaço de ontem, e há os que querem a Zona Sul, a modernidade”. Carlos Nelson complementa:

Há também os que fazem a síntese, uma espécie de Catumbi em processo onde procuram harmonizar as novidades com o resto que já existia. Cidades não podem ser museus. Por que tem de ser vivas, dinâmicas, tem de ser criativas, tem de permitir a mudança. Acho

que isso tem muito a ver com a idéia de liberdade. Nunca houve planejador que conseguisse resolver isso na teoria, ou trabalhando como técnico. (Cenas de crianças em várias formas de recreação, junto ao viaduto). O planejador nem sonhou que esse espaço seria algo mais que um estacionamento, ou que as rampas do viaduto iriam virar uma espécie de parque.



Apropriações das áreas junto ao viaduto para o lazer.

Em seguida, a última fala do documentário (de Vogel, em voz *off*) revela um otimismo diante da possibilidade dos habitantes continuarem a produzir os seus espaços, a despeito das ações e intervenções no sentido contrário que tentam lhes impor técnicos, governantes e especuladores. Basta sobretudo acreditarem, cotidianamente, que são capazes de fazê-lo:

No fundo, é um problema de poder. Acho que, no final das contas, as pessoas continuarão mandando em seus espaços, simplesmente porque acreditam que podem fazer isso todos os dias.

No livro, diferentemente, é evitado esse tom otimista, dando ênfase à proposta de reorientação da prática urbanística, sendo concluído com o seguinte texto:

Se o mundo urbano é um equipamento potencial de lazer, quanto mais complexo e diversificado, tanto mais plenamente pode ser apropriado para este fim. Planejar espaços para fins de lazer não é construir campos de futebol, ciclovias, ou criar áreas verdes. É cultivar um meio urbano cujas ruas permitam jogar uma “pelada”, andar de bicicleta, ou simplesmente passear à sombra. O planejar é cultivar no sentido primeiro da palavra; acompanhar o dia-a-dia, intervir dia-a-dia na escala do dia-a-dia (142).

A partir da comparação entre esses dois finais, pode se perceber que, como demonstraram querer os coordenadores, o livro se destina mais ao meio acadêmico e profissional, principalmente ao campo da arquitetura e urbanismo, enquanto o documentário teria como público-alvo os habitantes da cidade. Seria um instrumento para, antes de tudo, motivá-los a continuarem lutando por seus espaços, apesar de todas as dificuldades enfrentadas. Para deixar o habitante-espectador ainda mais motivado, o filme termina em um clima de alegria e de festa, mostrando cenas do tradicional carnaval de rua do Catumbi, ao som da música “Mambembe”, de Chico Buarque, em versão instrumental.



Cenas do carnaval do Catumbi, e a última imagem do documentário, um registro fotográfico da equipe de filmagem trabalhando.

Portanto, se considerássemos apenas o conteúdo abordado, o filme dirigido por Tetê Moraes corresponderia à proposta da pesquisa, baseando-se, de fato, nas idéias apresentadas no livro sobre certos processos urbanos e sua relação com a prática urbanística. Por isso, foi reconhecido e aceito por Carlos Nelson, que o apresentava em congressos, encontros e escolas de arquitetura e urbanismo. Essa experiência ainda o estimulou, na seqüência, a promover a realização, pelo IBAM, de outros documentários com fins educativos, e das duas pesquisas sobre a produção audiovisual que tratava do meio urbano existente no Brasil.

Entretanto, um conteúdo não deve ser analisado apenas de maneira isolada, pois é indissociável da maneira pela qual é expresso (GUATTARI,1993:36)⁴². O discurso do documentário, ou de qualquer outra forma de expressão audiovisual, pelo qual é apresentado seu ponto de vista sobre o tema abordado, não é apenas o que é dito e mostrado, inclui também as articulações entre o que é dito e mostrado. Este discurso se produz, portanto, pela seleção e arranjo de todos os componentes sonoros e visuais, na “elaboração de uma lógica organizadora para o filme” (NICHOLS, 2005:76)⁴³. Sendo assim, pela forma como está organizado, em “Quando a rua vira casa”, a relação entre forma de expressão e de conteúdo revela-se problemática. Trata-se, resumidamente, da tentativa contraditória de, através de uma forma documentária orgânica, afirmar a cidade como um ambiente cristalino.

O documentário se desenvolve tendo como eixo condutor o comentário-conversa entre os pesquisadores, ora *off*, ora *in*. São três vozes que conversam de maneira relativamente amistosa entre si, numa informalidade que deveria atrair a atenção do espectador para o que estava sendo dito, sobretudo aquele não habituado a discursos técnicos ou científicos. Entretanto, não há espontaneidade: a conversa se revela forçada e artificial, como se tratasse

⁴² Os próprios Carlos Nelson e Vogel entendem que forma e conteúdo são elementos inseparáveis, “a não ser na visão filosófica clássica que é dualista, reconhecendo, como separadas, essência e existência” (1981:142).

⁴³ Nichols (2005a) chama a forma de expressão do discurso documentário de “voz”.

de uma encenação, um texto ensaiado por atores inexpressivos, ou então de uma situação um tanto constrangedora, na qual os participantes estão pouco à vontade.

Em relação ao tema abordado, os comentaristas-pesquisadores demonstram, além de um profundo conhecimento (tanto em seus aspectos macro quanto microscópicos), um grande envolvimento, e mesmo paixão (principalmente Carlos Nelson), diante do qual não escondem uma tomada de posição, o seu próprio ponto de vista - aliás, Carlos Nelson considerava a postura de neutralidade ou isenção do pesquisador uma posição “falsa e desonesta”, e mesmo “anticientífica” (1981:26). Entretanto, não há, no documentário, outros pontos de vista. Embora outras pessoas falem no filme, a fala dos comentaristas é preponderante, estendendo-se ao longo de todo o filme. São eles que apresentam e explicam as imagens, orientando a reflexão do espectador para o que está sendo visto – daí que o tom por demais didático das explicações faz a conversa parecer, muitas vezes, uma aula.

Por sua vez, as falas dos moradores são muito curtas e aparecem poucas vezes, na forma de depoimentos e entrevistas (seis ao todo) sempre inseridas nos intervalos do comentário. Servem, basicamente, para complementá-lo ou justificá-lo, corroborando a sua autenticidade, a sua veracidade (BERNADET, 2003:15;17-18). As pessoas acabam limitadas a responder ou testemunhar sobre o que foi lhes perguntado ou solicitado - e, mesmo dentro desse pequeno espaço que lhes é concedido, algumas conseguem demonstrar uma grande capacidade de improvisação. Entretanto, não há espaço livre para o advir de um ato de fala no qual, em vez de reproduzir as ficções pessoais ou as alheias, passariam a ficcionalizar por si próprias, a “fabular” (DELEUZE, 2005:264).

Também não há, no filme, nenhum tipo de desafio ou confronto, verbal ou não-verbal, entre a equipe de pesquisa e os habitantes⁴⁴, tampouco diálogo ou interação recíproca. Aliás,

⁴⁴ Embora tivesse havido pelo menos um momento de grande tensão com os moradores do Catumbi, justamente por causa do registro cinematográfico, quando a equipe de cinegrafia da pesquisa começa a filmar e a fotografar uma pichação na fachada do salão-de-beleza, fruto do conflito entre o dono do estabelecimento e os “peladeiros” da rua. Os moradores temiam sobretudo que essa filmagem, e sua posterior divulgação (supostamente em jornais e televisão) estragasse a imagem de “grande família” do bairro, importante naquela situação delicada em que se encontravam. Omitido no filme, esse episódio está descrito e comentado com detalhes no livro, e serviu para compreender algumas regras de convivência cotidiana daquele grupo: “As reações a essa forma de registro foram de muitos tipos. Algumas, veementes, acusaram-nos de estarmos mexendo no que não conhecíamos. De estarmos prejudicando as pessoas, divulgando levemente os problemas da rua. ‘Esse assunto é nosso, diziam’. Alguns ameaçaram até não ‘dar mais material para as matérias’ que, como julgavam, ainda, deviam ser destinadas aos jornais ou a alguma estação de tevê. Foi difícil contornar o clima que se criou a partir daí. Os moradores olhavam, das janelas e das portas das casas para a cena da filmagem. Os *spots* iluminando a fachada

em relação aos espaços observados e suas personagens - mesmo se for o Catumbi e sua gente -, os comentaristas-pesquisadores não demonstram a proximidade ou a intimidade que deve sempre caracterizar as experiências compartilhadas de campo, ao contrário, aparentam um distanciamento e uma exterioridade típicas de um técnico de gabinete, de um cientista de laboratório ou de um professor em sala de aula, posturas sempre bastante criticadas por Carlos Nelson e que não apareciam no livro. Ajuda a passar essa impressão o fato da conversa não acontecer em nenhum dos locais onde foi feita a pesquisa, mais num ambiente isolado, fechado e formal (uma sala do IBAM), com os comentaristas aparecendo sempre sentados numa mesa, como se estivessem numa reunião de trabalho. Outra diferença significativa entre o livro e o filme é a ausência de auto-reflexividade: embora sejam colocados como personagens, os comentaristas nunca se colocam em questão ou sob análise, nem também falam de si próprios⁴⁵.

Portanto, embora esse formato de conversa significasse uma alteração na forma mais tradicional de comentário - uma voz única, formal e impassível dirigindo-se diretamente ao espectador -, pela maneira como funcionou no filme, essa alteração não implicou numa ruptura com essa forma, mas numa simples variação, no caso, uma flexibilização. Mesmo mais implícita e sutil, não desapareceu a “voz da autoridade”, marca da produção documentária pelo menos até a década de 1950 - mas até hoje utilizada, principalmente nos documentários educativos e na televisão⁴⁶ -, onde os propósitos didáticos eram a justificativa para o uso de uma “narração fora-de-campo, supostamente autorizada, mas quase sempre arrogante”, e, mesmo podendo ser poética e evocativa, costumava se impor aos elementos visuais (NICHOLS, 2005a: 48).

do salão, atraíam a atenção de todos para os palavrões que desacatavam a moral do proprietário. Do bar (o Armazém São José), os frequentadores observavam a cena. Uns faziam de conta que nada estava acontecendo. Outros protestavam contra o registro porque ‘ia criar problemas’. Outros ainda começaram a tecer extensos comentários sobre o episódio. Diante de nossos olhos, estava se representando um drama social. Foi ele que nos alertou para a maneira peculiar de fazer política na rua. (...) A nossa presença complicava ainda mais as coisas. Nós representávamos outra arena, com alto poder de comunicação como pensavam aqueles que ainda acreditavam que éramos profissionais da imprensa ou da televisão. Registrar em filme e fotografia a pichação da fachada do salão-de-beleza, equivalia a entrar no jogo de seu proprietário, que aliás, fez questão de dar entrevista a respeito. Sua versão dos acontecimentos baseava-se na retórica das evidências. Bastava ver para convencer-se dela. A apreensão de todos os demais, diante da filmagem e da gravação, era clara” (106-110).

⁴⁵ No livro, os pesquisadores descrevem todo o processo de realização da pesquisa, comentando as situações observadas e vivenciadas por eles e como se inseriam/interferiam nelas. A partir dessas experiências no campo, foram feitas as análises e tiradas as conclusões. No documentário, é mostrada apenas essa última parte.

⁴⁶ Esse tipo de documentário foi comentado na PARTE 2.1 (49-50).

No Brasil, como vimos⁴⁷, esse tipo de comentário reinou até os anos 1960, com o que Bernadet definiu como “modelo sociológico”. De modo geral, no documentário de tipo sociológico, enquanto o “outro” fala a partir de sua própria vivência cotidiana – é a “voz da experiência” -, cabe apenas ao comentarista - a “voz do saber”-, desvendar, de fora da experiência, a sua significação profunda, fazer generalizações, tirar conclusões (2003:18). Portanto, se a versão escrita da pesquisa possuía um cunho antropológico, a documentária, diferentemente, filiava-se a esse modelo “sociológico”, que, para Bernadet, inviabiliza que o outro “surja” através do filme, mesmo que esta seja a sincera intenção do realizador:

Se os cineastas ligados a esse modelo não podiam fazer emergir o outro, não é que não quisessem, nem por falta de interesse pelo outro. É que não podiam: a linguagem impedia. Essa linguagem que pressupõe uma fonte única do discurso, uma avaliação do outro da qual este não participa, uma organização da montagem, das idéias, dos fatos que tende a excluir a ambigüidade, essa linguagem impede a emergência do outro. É preciso que essa linguagem se quebre, se dissolva, estoure, não para que o outro venha a emergir, mas que pelo menos tenha essa possibilidade (2003:214).

Em “Quando a rua vira casa”, todas as associações e encadeamentos de imagens e sons, de imagens e de sons se correspondem e convergem, organicamente, para a produção de um sentido único do que é apresentado como “a realidade”. Não se quer perturbar ou desorientar o espectador, mas conscientizá-lo, sensibilizá-lo e, conseqüentemente, ganhar a sua adesão à causa do filme. Por isso, tudo é dito e mostrado de forma direta, objetiva e unívoca, sem divergências, contradições, dúvidas, vacilações, oscilações, ambigüidades, variações de sentido, enfim, tudo o que, caracterizando um sistema aberto, cria diversidade, multiplicidade e complexidade, tão valorizadas pelos pesquisadores quando se referem ao ambiente urbano (1981:128-129). Além disso, essa organização coerente e coesa, presa a esquemas convencionalizados – reproduzindo um sistema rígido e fechado, “em árvore” - , “não nos dá folga” (BERNADET, 2003:32): não permite quebras, fissuras, brechas, interstícios, intervalos que, por sua vez, tornariam possíveis os movimentos de transformação, as metamorfoses e devires (BLANCHOT, 2001:132; DELEUZE, 2005:202).

Assim, chega-se facilmente à conclusão de que a cidade real, autêntica e verdadeira seria aquela apresentada pelo filme, comprovando a cidade idealizada pelo urbanismo racionalista ou progressista como sendo da ordem da ilusão, da ficção, uma mentira. Nessa perspectiva, o documentário pode ser usado como um argumento ou evidência para contestar

⁴⁷ Na PARTE 2.1 (91).

essa prática dominante do urbanismo e reivindicar a sua superação ou transformação. Entretanto, ele próprio não seria um agente, um fator catalisador desse processo. Pior, ao seguir - como o urbanismo que tão bem critica - um regime orgânico, cuja organização arborescente também se funda em um ideal de verdade, estaria trabalhando em sentido contrário.

Temos aqui a tentativa paradoxal de combater um discurso de poder até então hegemônico no urbanismo, que impõe aos habitantes suas ficções, seus modelos de verdade sobre o meio urbano - e colaborar para se cultivar ali um fazer cristalino, compartilhado e dialógico -, com um discurso da mesma forma fechado, autoritário e que se coloca como verdadeiro. Portanto, inexplicavelmente, foi totalmente esquecido que a forma documentária interferiria substantivamente na produção de sentido daquilo que é dito e mostrado, e, portanto, para se saber, realmente, o que se está fazendo, é imprescindível conhecê-la a fundo; e que, assim como o campo do urbanismo, o campo do documentário é fundamentalmente um campo político, de modo que existiriam abordagens que agem a favor dos sistemas e ordens dominantes, reproduzindo seus discursos de poder, e outras (mais raras) que servem para miná-los, instaurando um contra-discurso, isto é, um discurso de minoria, às vezes de apenas um, mas sempre com várias cabeças, várias vozes, várias falas (DELEUZE, 2005:266)⁴⁸.

Entretanto, mesmo com todos esses problemas e limitações, o documentário “Quando a rua vira casa”, ao meu ver, tem uma grande importância para o campo do urbanismo. Trata-se da experimentação de um novo meio para se exercer a prática, ou melhor, de uma ferramenta para um outro tipo de prática - e toda experimentação é, ao mesmo tempo, uma aprendizagem e uma aventura, envolvendo necessariamente erros e riscos. É também a abertura de um caminho, que sabemos teria de ser tortuoso, divergente e contraditório, ou não seria⁴⁹.

⁴⁸ Para Deleuze, o “povo” só existe como minoria, estilizado em uma infinidade de povos, e por isso ele “falta”. A crença no povo caracterizaria o cinema clássico: embora oprimido, enganado, submetido, mesmo cego ou inconsciente, ele estava presente. Atribuída a uma arte por excelência “revolucionária e democrática”, essa crença teria sido irreversivelmente abalada por Hitler, Stalin e Hollywood. Deleuze supõe que, se houvesse um cinema político moderno, seria baseado na premissa de que “o povo já não existe, ou ainda não existe...o povo está faltando”, cabendo ao artista colaborar para que ele se invente (2005:258-262).

⁴⁹ Embora seja intrigante, não cabe ficar aqui especulando os motivos que podem ter levado Carlos Nelson a fazer essa opção, preferindo um documentário mais “institucional” a uma abordagem mais livre e não-convencional do tema, como Péo já havia feito, por exemplo, em “Rocinha Brasil -77”. Além disso, como agravante, sabia-se de antemão, das dificuldades operacionais que existiriam ao se fazer um segundo filme, em especial a falta de recursos e o não acompanhamento dos outros trabalhos de campo, já finalizados.

Deixa claro, ainda, que a efetivação do urbanismo como atividade cristalina só será possível se, além de mudarmos radicalmente as idéias que orientam suas ações, também modificarmos as formas pelas quais estas idéias serão produzidas e expressas. Dever-se-á colocar em questão ou em crise não apenas uma verdade, mas a própria verdade como modelo, a ficção mais profunda, substituindo todo discurso veraz – que, observou Deleuze, é sempre o discurso dos grupos dominantes, dos “senhores” -, por um “discurso indireto livre”, pelo qual as minorias exprimem “a impossibilidade de viver sob uma dominação” (2005: 182;266).

Assim, seja no urbanismo ou no audiovisual, o discurso sobre a cidade, bem como as práticas que lhe são correspondentes, adquiririam a forma de um intenso diálogo, sendo construídas “pouco a pouco” por trocas mútuas, e manifestando composições complexas, heterogêneas, ambíguas e permanentemente cambiantes; portanto, da mesma natureza dos processos e movimentos que queremos encontrar, com cada vez mais frequência, no cotidiano urbano, em particular na relação que os habitantes estabelecem entre si e com o meio em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso que a arte, particularmente a arte cinematográfica, participe dessa tarefa: não dirigir-se a um povo suposto, já presente, mas contribuir para a invenção de um povo. No momento em que o senhor, o colonizador proclama “nunca houve povo aqui”, o povo que falta é um devir, ele se inventa, nas favelas e nos campos, ou nos guetos, com novas condições de luta, para as quais uma arte necessariamente política tem de contribuir.

Gilles Deleuze, A imagem-tempo, p.159-160.

Este trabalho propôs a noção de “cristalino” - inspirada sobretudo nas reflexões de Deleuze sobre cinema - para que, principalmente no campo do urbanismo, tentemos pensar, de um modo um pouco diferente, a vida urbana na contemporaneidade. A ocorrência de processos cristalinos nas relações pelas quais se produz cotidianamente a cidade são, ao meu ver, um dos principais fatores que a tornam um ambiente efetivamente coletivo e compartilhado, favorecendo assim as misturas e “mestiçagens” (GRUZINSKI,2001; LAPLANTINE e NOUSS,1997) que engendram novas formas de ser, de viver, de pensar, de agir no mundo, sempre imprevisíveis.

Portanto, em vez dos arquitetos urbanistas continuarem, ativa ou passivamente, deixando a cidade ser regida, ou melhor, subjugada, pelos sistemas dominantes em seus movimentos orgânicos - que, alertou Guattari, estariam levando a humanidade “ao abismo” (1993:116) -, deveriam, com urgência, buscar meios de catalisar essa forma de articulação por trocas mútuas e cristalização de intensidades, que faz com que, num ponto incerto, percam-se as fronteiras, limites e definições; onde ficam embaralhadas não apenas as cartas, mas também as regras e convenções do “jogo” urbano. Ou seja, procurar fazer da cidade, e com a cidade, uma composição cristalina, pela qual, ela, radical e incessantemente, se renova.

Mas, para isso, precisariam mudar a mentalidade e a sensibilidade, “virar a cabeça” e partir para a “experimentação de um novo urbanismo” (FERREIRA DOS SANTOS,1980:44; GUATTARI,1993:175), ele próprio também cristalino. A maquinação ou subjetivação propiciada pelo cinema pode ser um dos vetores dessa mudança. Afinal, mesmo “nas piores condições comerciais”, afirma Guattari, podem ser realizados filmes que modifiquem “as

combinações de desejo, que destruam estereótipos, que nos abram o futuro” (in BARTHES et al.,1980:117).

No caso da produção documentária, seriam principalmente aqueles filmes que aproximam, confrontam e fazem dialogar personagens, situações e contextos, mas também imagens e sons que, pelo funcionamento orgânico do mundo, costumam estar distantes e separados, com bem poucas possibilidades de encontro, a não ser nas falhas e acidentes de percurso. Nesses documentários, a cidade não é apresentada segundo formas, objetos, soluções, mas, como querem Certeau (1996:175) e Kroll (1996:21;1996a:41), sobretudo através das manifestações “ordinárias” ou “vulgares” de habitantes e usuários, que se desenvolvem por intercâmbios, interações, aprendizados e descobertas, em movimentos lentos, tortuosos, aleatórios, variantes e divergentes.

Para apreender essa “cultura ordinária” da cidade, chave de sua natureza cristalina – e, diria Comolli, assim poder filmá-la “verdadeiramente” (COMOLLI, 1997:160) -, os cineastas do documentário precisam penetrar em seu interior, na sua opacidade, sentindo-se “estar entre as coisas e as pessoas” (PERRAULT,1996:175). E “saber esperar”, conclui Rouch¹. O interior da cidade, aqui, significa, reciprocamente, a cidade interior, “a cidade no interior dos corpos de seus habitantes” (COMOLLI,1997:165), sejam estes tanto as pessoas filmadas como aquele que filma.

Fazem ver, assim, que as pessoas participam ativamente da produção da cidade, através da apropriação e vivência dos seus ambientes; uma participação cotidiana, opaca e microscópica, “tática” (CERTEAU,1996: 97-102), operando ao nível molecular do urbano, na arena da micropolítica (GUATTARI,1987). Uma forma, portanto, que não é apreensível na abordagem orgânica do arquiteto urbanista, e que, por isso, sempre vai lhe escapar, embora, muitas vezes, sofrendo danos devastadores (mesmo quando se tem a melhor das intenções; pois se tratam menos de intenções que de desejos e sensações).

É por isso que a chamada “participação de habitantes” não pode se constituir em um método ou procedimento a ser aplicado, uma fórmula ou ideal a ser perseguido em prol da democratização da cidade. É um caminho que leva, mais uma vez, a um beco sem saída,

¹ Depoimento de Rouch no documentário “Jean Rouch, subvertendo fronteiras” (1999).

como mostrou Carlos Nelson. A questão passaria a ser como observar essas formas moleculares de participação, individuais e coletivas, singulares e plurais, seguindo-as em seu movimento e a partir dele potencializá-las; e, ao mesmo tempo, articulá-las a uma participação ao nível molar, expressa em termos de macropolítica. Indo nesse sentido, Kroll aponta a urgência de “observar a instalação humana com os olhos (e um lápis) de antropólogo cultural”, através de uma “etnologia prática” (1996:85; 1996a:59). Cabe aqui apenas uma ressalva: trocaria o lápis pela câmera. Pois, como indicou Rouch, a antropologia “será visual ou não será”². O cinema, em sua visão, cumpriria um papel fundamental para ela, “filha mais velha do colonialismo”, de um monólogo, tornar-se “compartilhada”; o antropólogo deixando de falar dos outros em nome dos outros, para fazer com que os outros, ele incluso, falem sempre em seu próprio nome.

Carlos Nelson percebeu algo parecido e buscou incorporar, à prática urbanística, já com um viés compartilhado e antropológico, essa ferramenta. Embora não tenha conseguido fazê-lo de modo a fortalecer as suas idéias, seus erros e contradições levantam questões, criam tensões que, ao contrário de desestimular, nos motivam, de uma forma ainda mais profunda, a enfrentar o desafio de experimentar, seguindo seus passos, um urbanismo cristalino.

² Idem.

REFERÊNCIAS

I Bibliografia Geral

- ARANTES, Pedro. **Arquitetura nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- ARTAUD, Antonin. **Linguagem e vida**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- AUMONT, Jacques. **O olho interminável (cinema e pintura)**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- BARBOSA, Andréa. “A representação da cidade de São Paulo no cinema dos anos 80”. In: CATANI, Afrânio et al. (orgs.). **Estudos de Cinema 2000 - Socine**. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- BARONE, Ana Cláudia Castilho. **Team 10**. São Paulo: Anna Blume, 2002.
- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”. In: **Magia e técnica, arte e política: Obras escolhidas, Volume 1**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BIRRI, Fernando. “As raízes do realismo no documentário”. In: CADERNOS DE ANTROPOLOGIA E IMAGEM. **Construção e análise de imagens**. Rio de Janeiro: UERJ/ Núcleo de Antropologia e Imagem, ano 2, n° 3, 1996.
- BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita: A palavra no plural**. São Paulo: Escuta, 2001.
- BRESSON, Robert. **Notas sobre o cinematógrafo**. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- CARVALHO, Maria do Socorro Silva. **A nova onda baiana: Cinema na Bahia 1958/1962**. Salvador: Edufba, 2003.
- CAVALCANTI, Alberto. **Filme e realidade**. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.
- CHARNEY, Leo e SCHWARZ, Vanessa R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: O discurso competente e outras falas**. São Paulo, Cortez, 1993.
- CRUCIANI, Fabrizio, e FALLETTI, Clélia. **Teatro de rua**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DE FRANCE, Claudine (org.). **Do filme etnográfico à antropologia filmica**, Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- FABRIS, Mariarosario et al. **Estudos Socine de Cinema, Ano III 2001**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- FERRAZ, Marcelo Carvalho (org.). **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Empresa das Artes, 1993.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- _____. "Outros espaços". In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GODARD, Jean-Luc. **Introdução a uma verdadeira história do cinema**. São Paulo: Martins Fontes: 1989.
- GOODMAN, Robert. **Despues de los urbanistas que?** Madri: Hermann Blume, 1977.
- GOULET, Patrice. **Temps sauvage et incertain**. Paris: Les Éditions du Demi-Cercle, 1989.
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo : Companhia das Letras, 2001.
- HADDAD, Vera e PUPPO, Eugênio. **Cinema marginal e suas fronteiras: Filmes produzidos nas décadas de 60 e 70**. São Paulo: Heco Produções, 2001.
- JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1990.
- JOSÉ, Angela. **Olney São Paulo e a peleja do cinema sertanejo**. Rio de Janeiro : Quartet, 1999.
- KRACAUER, Siegfried. **De Caligari a Hitler: Historia psicológica del cine alemán**. Barcelona: Paidós, 1985.
- _____. **Rues de Berlin et d'ailleurs**. Paris: Gallimard, 1995.
- LAPLANTINE, François. **Je, nous et les autres: Être humain au-delà des appartenances**. Paris: Le Pommier, 1999.
- _____. **De tout petit liens**. Paris: Mille et une nuits, 2003.
- LAPLANTINE, François, e NOUSS, Alexis. **Le métissage**. Paris: Flammarion, 1997.
- LEITE, Márcia da Silva Pereira. **Vozes e imagens do morro: as favelas cariocas no cinema brasileiro**. In: CADERNOS DE ANTROPOLOGIA E IMAGEM. **Cinema brasileiro: Documentário e ficção**. Rio de Janeiro: UERJ/ Núcleo de Antropologia e Imagem, vol.11, nº 2, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme C., E TORRES, Lílian de Lucca (orgs.) **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- MARTUCCI, Roberto, e TUZZA, Roberta Cacialli. **Lo strumento operativo filmico nel campo architetonico-urbanistico: Appunti per nuove possibilita progettuali**. Florença: Fiorentina, 1973.
- MUMFORD, Eric. **The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960**. Cambridge: MIT Press, 2000.
- PASOLINI, Pier Paolo. **L'expérience hérétique: Langue et cinéma**. Paris: Payot, 1976.
- PERRAULT, Pierre. **L'oumigmatique ou l'objectif documentaire**. Québec, Hexagone, 1995.
- PEREC, Georges. **Espèces d'espaces**. Paris: Galilée, 2000.
- PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PÉTILLON, Pierre-Yves. "O! Chicago: Images de la Ville en Chantier". In: BAUDRILLARD, Jean et al. **Citoyenneté et urbanité**. Paris: Editions Esprit, 1991.
- RAGON, Michel. **Histoire de l'architecture et de l'urbanisme modernes - Tome 2: Naissance de la cité moderne 1900-1940**. Paris: Casterman, 1986.

- RISÉRIO, Antônio. **Avant-garde na Bahia**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M.Bardi, 1995.
- RODRIGUES, Marcos Antônio Nunes. **Cidades, imagens e discursos: A imagem de Salvador na era do pensamento estratégico**. Salvador, 2002. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFBA.
- RUA – REVISTA DE URBANISMO E ARQUITETURA. **Patrimônio: Maquinaria e memória**. Salvador: UFBA, vol.1, nº 8, Jul/Dez 2003.
- SETARO, André, e UMBERTO, José. **Alexandre Robatto Filho: Pioneiro do cinema baiano**. Salvador: Fuceb, 1992.
- SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil, República: Da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- SOUZA, José Inácio de Melo. **Catálogo do Cine Jornal Brasileiro**. São Paulo: s.n.,1989.
- _____. **A ação e o imaginário de uma ditadura: Controle, coerção e propaganda política nos meios de comunicação durante o Estado Novo**. São Paulo, 1990. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicação e Artes,1990.
- TOUBIANA, Serge. **Exílios e territórios: O cinema de Amos Gitai**. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.
- TURNER, John. **Vivienda : Todo el poder para los usuários**. Madrid: H. Blume, 1977.
- VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- VIANNA, Hermano. “Ternura e atitude blasé na Lisboa de pessoa e na metrópole de Simmel”. In: VELHO, Gilberto (org.) **Antropologia urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- WENDERS, Wim. “A paisagem urbana”. In: REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Cidade**. Rio de Janeiro: Iphan/ Ministério da Cultura, nº 23, 1994, p.180-189.

II Bibliografia Específica

- ALTHABE, Gérard, e COMOLLI, Jean-Louis. **Regards sur la ville**. Paris: Éditions du Centre Georges Pompidou, 1994.
- ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. **Urbanismo em fim de linha**. São Paulo: Edusp, 1998.
- ARANTES, Otilia; MARICATO, Ermínia e VAINER, Carlos. **A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2000.
- AVELLAR, José Carlos. “Conversa com Eduardo Coutinho: A palavra que prococa a imagem e o vazio no quintal”. In: **Cinemais**, nº 22, Rio de Janeiro: Aeroplano, Março/Abril 2000, p.31-72.
- BARILLET, Julie et al. **La ville au cinéma**. Arras, França: Artois Presses Université, 2005.

- BARNOW, Eric. **Documentary: A history of the non-fiction film**. Nova York, Oxford University Press, 1983.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006
- BERNADET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BRESCHAND, Jean. **Le documentaire: L'autre face du cinéma**. Paris: Cahiers du Cinéma, 2002.
- BURGELIN, Claude. "Perec et la ville". In: URBANISME. **À l'école de la ville**, Paris: Publications d'architecture et d'urbanisme, n° 327, Nov/Dez 2002, p.86-91.
- CADERNOS DE ANTROPOLOGIA E IMAGEM. **A cidade em imagens**. Rio de Janeiro: UERJ/ Núcleo de Antropologia e Imagem, ano 3, n° 4, 1997.
- CASABELLA CONTINUITÀ. **La Mostra dell'Urbanistica alla Decima Triennale**. Milão: Casabella, n° 203, Nov/Dez 1954, p.18-31.
- CAUWENBERGE, GENEVIÈVE VAN. "Le point de vue documentaire dans Le joli Mai". In: DUBOIS, Philippe (org.). **Théorème: Recherches sur Chris Marker**. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2002.
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo: Utopias e realidades**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CINÉMACTION. **Le documentaire français**. n° 41, Paris : Corlet, Jan.1987.
- _____. **Le cinéma direct**. n° 76, Paris : Corlet, Jun.1995
- _____. **Jean Rouch ou le cine – plaisir**. n° 81, Paris : Corlet, Set. 1996.
- CINEMAIS. **Objetivo subjetivo**. Rio de Janeiro: Aeroplano, n° 36, Out/Dez 2003.
- COMOLLI, Jean-Louis. **A cidade filmada**. In: CADERNOS DE ANTROPOLOGIA E IMAGEM. **A cidade em imagens**. Rio de Janeiro: UERJ/ Núcleo de Antropologia e Imagem, ano 3, n° 4, 1997, p.149-183.
- _____. **Voir et pouvoir - L'innocence perdue: Cinéma, télévision, fiction, documentaire**. Paris: Verdier, 2004.
- COPANS, Richard. "Robert Kramer en ses villes". In: URBANISME. **La ville au cinema**. Paris: Publications d'Architecture et Urbanisme, n° 328, Jan/Fev 2003,p. 53-56.
- DA-RIN, Silvio. **Espelho partido: Tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- DELEUZE, Gilles. **Cinéma I: L'image-mouvement**. Paris: Les Éditions de Minit, 1983.
- _____. **Bergsonismo**. Rio de Janeiro : Editora 34, 1999.
- _____. **Conversações**. Rio de Janeiro : Editora 34, 2000.
- _____. **A imagem-tempo**. São Paulo : Brasiliense, 2005.
- _____. **Diferença e repetição**. São Paulo : Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles, e GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro : Editora 34, 1992.
- _____. **Mil platôs–Vol 1**. Rio de Janeiro : Editora 34, 1995.

- _____. **Mil platôs–Vol 3**. Rio de Janeiro : Editora 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles, e PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- EATON, Mick. **Anthropology , Reality, Cinema : The films of Jean Rouch**. Londres : BFI, 1979.
- ELLIS, Jack C. **The documentary idea: A critical history of english-language documentary film and video**. Englewood Cliffs, EUA: Prentice Hall, 1989.
- FERNANDES, Ana. “Consenso sobre a cidade?” In: ESTEVES JUNIOR, Milton, e URIARTE, Urpi Montoya (org.). **Panoramas urbanos: Reflexões sobre a cidade**. Salvador, Edufba, 2003.
- FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson. "Como e quando pode um antropólogo virar arquiteto?" In: VELHO, Gilberto (org.), **O desafio da cidade**. Rio de Janeiro, Campus: 1980.
- _____. **Movimentos urbanos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. “Condomínios exclusivos – O que diria a respeito um arqueólogo?” In: **Revista de Administração Municipal**. Rio de janeiro: IBAM, nº 160, Jul/Set.1981a, p.6-29.
- _____. (coord.). **Filmografia do habitat**. Rio de Janeiro: IBAM, 1982.
- _____. “A desordem é uma ordem que exige uma leitura mais atenta”. In: **Revista de Administração Municipal**. Rio de janeiro: IBAM, nº 165, Out/Dez. 1982a, p.6-17.
- _____. (coord.). **Videografia do habitat**. Rio de Janeiro: IBAM, 1987.
- _____. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói, EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988.
- _____. “As cidades, os comportamentos e as leis”. In: **Revista de Administração Municipal**. Rio de janeiro: IBAM, nº 186, Jan/Mar. 1988a, p.38-44.
- _____. “Planos e diretores”. In: **Revista de Administração Municipal**, nº 190. Rio de Janeiro: IBAM, Jan/Mar. 1989, p.76-77.
- FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson e VOGEL, Arno. **Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. Rio de Janeiro: IBAM, 1981.
- É TUDO VERDADE – 10º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS. **Catálogo**. São Paulo: Pólen Editorial, 2005.
- É TUDO VERDADE – 11º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS. **Catálogo**. São Paulo: Pólen Editorial, 2006.
- É TUDO VERDADE – 12º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS. **Catálogo**. São Paulo: Pólen Editorial, 2007.
- FREIRE, Américo e OLIVEIRA, Lúcia Lippi (orgs.). **Capítulos da memória do urbanismo carioca: Depoimentos ao CPDOC/FGV**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

- GAUTHIER, Guy. **Le documentaire, un autre cinéma**. Paris: Nathan, 1995.
- GEDDES, Patrick. **Cidades em evolução**. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- GERVAISEAU, Henri. “Dziga Vertov: Do cinema verdade à arte da passagem entre as imagens”. In: **Cinemais**. Rio de Janeiro: Aeroplano, n.º.1, Set/Out. 1996.
- GODARD, Jean-Luc. **2 ou 3 choses que je sais d’elle**. Paris: Seuil/Avant-Scène, 1971.
- _____. **Jean-Luc Godard par Jean-Luc Godard, Tome 1: 1950-1984**. Paris: Cahiers du Cinéma, 1998.
- GOLD, John R. e WARD, Stephen V. “Of plans and planners: Documentary film and the challenge of the urban future, 1935-1952”. In: CLARKE, David B. (org.) **The cinematic city**. London: Routledge, 1997.
- GUATTARI, Félix. “O divã do pobre”. In: BARTHES, Roland et al. **Psicanálise e cinema**. São Paulo: Global, 1980.
- _____. **Revolução molecular: Pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **Caomose**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Les favelas de Rio: Un enjeu culturel**. Paris: L’Harmattan, 2001.
- _____. **A estética da ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- _____. (org.). **Apologia da deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.
- _____. “Espetacularização urbana contemporânea”. In: FERNANDES, Ana, e JACQUES, Paola Berenstein. **Territórios urbanos e políticas culturais**. Cadernos PPG-AU/FAUFBA Salvador: Edufba, 2004.
- _____. “Elogio aos errantes” In: JACQUES e JEUDY (orgs.), **Corpos e cenários urbanos**. Salvador: Edufba, 2006.
- JOUSSE, Thierry, e PACQUOT, Thierry. **La ville au cinéma**. Paris : Cahiers du Cinéma, 2005.
- KROLL, Lucien. **Bio Psycho Socio/ Eco: Ecologies urbaines**. Paris: L’Harmattan, 1996.
- _____. **Enfin chez soi... : Rehabilitation de prefabriqués**. Paris: L’Harmattan, 1996a.
- _____. **Tout est paysage**. Paris: Sens & Tonka, 2001.
- LA REVUE DU FORUM DES IMAGES. Paris : Forum des Images/Mairie de Paris, n.º 9, de 4 Mai. a 30 Ago. de 2005.
- LABAKI, Amir. “Vladimir Carvalho : O documentário como autobiografia”. In: **Cinemais**. Rio de Janeiro: Aeroplano, n.º 16, Mar/Abr. 1999, p.7-58.
- _____. **Introdução ao documentário brasileiro**. São Paulo: Francis, 2006.
- LE CORBUSIER. **Urbanismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: Televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

- LUDEMANN, Marina e MEYER, Regina. **Metrópole e cinema: Uma cronologia**. São Paulo: Instituto Goethe, 1996.
- MACEDO, Valéria. “Campo e contracampo: Eduardo Coutinho e a câmera da dura sorte”. In: REVISTA SEXTA-FEIRA. **Festas**. São Paulo: Pletora, nº 2, 1998, p. 10-25.
- MACHADO Jr., Rubens. **São Paulo em movimento: A representação cinematográfica da metrópole nos anos 20**. São Paulo, 1989. Dissertação de mestrado. Escola de Comunicação e Artes, USP.
- MATTOS, Carlos Alberto. **Walter Lima Jr.: Viver cinema**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- _____. “A voz do documentário”. In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.) **Teoria contemporânea do cinema: Documentário e narrativa ficcional. Volume II**. São Paulo: Senac São Paulo, 2005a.
- NINEY, François (org.). **Visions urbaines: Villes d’Europe a l’écran**. Paris: Editions du Centre Georges Pompidou, 1994.
- PARANAGUÁ, Paulo Antônio. **Cine documental en América Latina**. Madrid: Cátedra, 2003.
- PATERSON, R.N. “Films: Their use in architecture and building”. In: **The Architects’ Journal**, 20/03/1947, p.229-231.
- PERRAULT, Pierre. **Cinéaste de la parole: Entretiens avec Paul Warren**. Québec, Hexagone, 1996.
- _____. “Documentário: Simples marinheiro do presente”. In: **Cinemais**, Rio de Janeiro: Aeroplano, nº 8, Nov/Dez. 1997, p.115-130.
- PEREIRA, Margareth da Silva. “Notas sobre o urbanismo no Brasil: Construções e crises de um campo disciplinar”. In: MACHADO, Denise Barcellos Pinheiro. PEREIRA, Margareth da Silva, e SILVA, Rachel Coutinho Marques. **Urbanismo em questão**. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 2003.
- PIAULT, Marc Henri. “Uma antropologia-diálogo: a propósito do filme de Jean Rouch *Moi, un Noir*”. In: CADERNOS DE ANTROPOLOGIA E IMAGEM. **A cidade em imagens**. Rio de Janeiro: UERJ/ Núcleo de Antropologia e Imagem, ano 3, nº 4, 1997, p.185-192.
- POURVALI, Bamchade. **Chris Marker**. Paris: Cahiers du Cinéma, 2003.
- ROUCH, Jean. “Le vrai et le faux”. In: TRAVERSESES. **Ni vrai ni faux**. Paris: Centre Georges Pompidou, nº 47, Nov.1989, p.175-187.
- _____. **Jean Rouch: Poesia, dislexia e câmera na mão**. In: **Cinemais**, Rio de Janeiro: Aeroplano, nº 8, Nov/Dez. 1997, p.7-34.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SCHEFER, Jean-Louis. **L’homme ordinaire du cinema**. Paris: Gallimard, 1980.
- SCHVARTZMAN, Sheila. **Humberto Mauro e as imagens do Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

- TAPAJÓS, Renato. “A hora da reflexão”. In: **Revista Filme Cultura**. Rio de Janeiro: Embrafilme, nº46, abril 1986, p.73-78.
- TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.). **Documentário no Brasil: Tradição e transformação**. São Paulo: Summus, 2004.
- VAN DER KEUKEN, Johan. “Fantasia e Realidade”. In: **Cinemais**, Rio de Janeiro: Aeroplano, nº 8, Nov/Dez. 1997, p.37-38.
- URBANISME. **La ville au cinema**. Paris: Publications d’Architecture et Urbanisme, nº 328, Jan/Fev 2003, p. 53-56.
- XAVIER, Ismail (org.). **A experiência do cinema: Antologia**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

III Documentos eletrônicos

- ANDRADE, João Batista de. “Uma trajetória particular”. In: **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, USP, Vol 16, nº46, Set/Dez 2002, p.245-269. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n46/v16n46a18.pdf> (último acesso em 19/02/2007).
- ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM. In: <http://www.kinoforum.org/> (último acesso em 02/05/2007).
- BFI SCREENONLINE. In: <http://www.screenonline.org.uk/> (último acesso em 02/05/2007).
- BRAGANÇA, Felipe. “Mestre dos mestres”. **Contracampo**, nº 58, 2004. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/58/jeanrouch.htm> (último acesso em 20/03/2007).
- BRITISH FILM INSTITUTE – BFI. In: <http://www.bfi.org.uk/> (último acesso em 02/05/2007).
- CIACCI, Leonardo. **Remaking history to plan the city, in town planners’ movies**. 4th International Conference on Urban History, Veneza, 03-05 Setembro, 1998. Disponível em: <http://www.planum.net/archive/movies-00.htm> (último acesso em 20/11/2006).
- CINÉMA DU RÉEL – FESTIVAL INTERNATIONAL DE FILMS DOCUMENTAIRES. In: <http://www.cinereel.org/> (último acesso em 02/05/2007).
- CINEMA MARGINAL. In: http://www.heco.com.br/cinemarginal/final/intro_frame.htm (último acesso em 02/05/2007).
- COMOLLI, Jean-Louis. **La ville suspendue dans le temps**. 1998. Disponível em: http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/actions-france_830/documentaire_1045/diffusion-non-commerciale_5378/collections-video5374/societe_8874/ville_10302/par-jean-louis-comolli_10326/index.html (último acesso em 11/12/2006).
- DE CARLO, Giancarlo. **The films and the journal of Giancarlo De Carlo on-line in Planum.net**. Conferência realizada no Triennale Palace, Milão, em 27/02/2003.

Disponível em: <http://www.planum.net/journals/ns-ses-review-decarlo-en.html> (último acesso em 02/05/2007).

DELAGE, Christian, e GUIGENO, Vincent. “Ce que est donnee à voir, ce que nous pouvons montrer: Georges Perec, Robert Bober et la rue Vilin.” **Études photographiques**. Paris: Société Française de Photographie, n° 3, Nov.1997, p.121-140. Disponível em: <http://etudesphotographiques.revues.org/document290.html> (último acesso em 19/04/2006).

É TUDO VERDADE – FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS. In: <http://www.bdetudoverdade.com.br/home.asp> (último acesso em 02/05/2007).

ÉTATS GÉNÉRAUX DU FILM DOCUMENTAIRE. In: <http://www.lussasdoc.com/etatsgeneraux/index.html> (último acesso em 02/05/2007).

EUROPEAN FOUNDATION JORIS IVENS. In: <http://www.ivals.nl/> (último acesso em 02/05/2007).

FORUM DES IMAGES. In: <http://www.forumdesimages.net/fr/index.php> (último acesso em 02/05/2007).

FRANCE DIPLOMATIE. **La ville**. In: http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/actions-france_830/documentaire_1045/diffusion-non-commerciale_5378/collections-video_5374/societe_8874/ville_10302/index.html (último acesso em 28/04/2007).

GARDNIER, Ruy. **Lacrimosa**. Disponível em: http://www.heco.com.br/marginal/filmes/curtas/02_03_08.php (último acesso em 21/01/2007).

INTERNATIONAL DOCUMENTARY FILM FESTIVAL – IDFA. In: http://www.idfa.nl/idfa_en.asp (último acesso em 02/05/2007).

JOÃO BATISTA DE ANDRADE – SITE OFICIAL UOL. In: <http://www2.uol.com.br/joaobatistadeandrade/> (último acesso em 17/02/2007).

MELLO, Marco Antônio, e VOGEL, Arno. “Sistemas construídos e memória social: Uma arqueologia urbana?” In: **Revista de Arqueologia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, vol. 2, n°2, Jul/ Dez 1984, p. 46-50. Disponível em: <http://lemetro5.blogspot.com/2005/08/sistemas-construdos-e-memria-social.html> (último acesso em 08/05/2007).

MNEMOCINE – MEMÓRIA E IMAGEM. In: <http://www.mnemocine.com.br/index2.htm> (último acesso em 02/05/2007).

NORONHA, Jurandir Passos. **Pioneiros do cinema brasileiro**. São Paulo: Melhoramentos. 1997. CD-ROM.

PIER PAOLO PASOLINI - PAGINE CORSARE. In: http://www.pasolini.net/aggiorna_novita.htm

PLANUM. **Archive/Multimedia/Movies**. In: <http://www.planum.net/archive/movies.htm> (último acesso em 02/05/2007).

QUERRIEN, Anne. “Le devenir film de la ville”. In: CAHIERS DU GERSE. **Le cinéma: Imaginaire de la ville**. Montreal: Université du Quebec, n° 3, Outono 2001, p. 9-20. Disponível em: http://www.er.uqam.ca/nobel/gerse/numero_3_02.html (último acesso em 17/10/ 2006).

RABINOVITZ, Lauren. “Choreography of cinema: an interview with Shirley Clarke”. In: AFTERIMAGE, Vol.11, n.5, Dez 1983, p.8-11. Disponível em:

<http://cscl.cla.umn.edu/courses/1907/readings/clarke.pdf> (último acesso em 05/02/2007).

REDIVO, Alessandra. **Le sorti dei CIAM in un film per l'architettura moderna.** Disponível em: <http://www.parametro.it/architettando09.htm> (último acesso em 30/11/2006).

REYNAUD, Bérenice, **Shirley Clarke**, 2005. In: <http://www.culturgest.pt/docs/shirleyclarke.pdf> (último acesso em 14/02/07).

ROUCH, Jean. **Entrevista.** Outubro 1999. In: <http://perso.wanadoo.fr/cine.beaujolais/rouch.htm> (último acesso em 30/07/2004).

SALES, Michelle. **O Rio de Janeiro contado no cinema – os anos 10 e 20.** X Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste - SIPEC, Rio de Janeiro, 7 e 9 de dezembro de 2004. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/19634/1/Michelle+Sales.pdf> (último acesso em 02/05/2007).

SOUSA, Simplicio Neto Ramos de. **O realismo na representação da favela carioca: Uma análise axiográfica de três documentários brasileiros.** Niterói, 2006. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFF. Disponível em: http://www.btdt.ndc.uff.br/tde_arquivos/28/TDE-2006-08-03T175133Z-252/Publico/UFF-Com-Dissert-SimplicioNeto.pdf (último acesso em 02/05/2007).

SOUSSAN, Myriam. **La memoire vivante des lieux: Georges Perece et Robert Bober.** Dez. 2000. In: <http://www.cabinetperec.org/articles/soussan/artsoussan.html#ancre1572551> (último acesso em 09/11/06).

THE MOHOLY-NAGY FOUNDATION. In: <http://www.moholy-nagy.org> (último acesso em 02/05/2007).

VALLADARES, Lúcia. “A gênese da favela carioca: A produção anterior às ciências sociais”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 15, nº 44, 2000, p. 5-34. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4145.pdf> (último acesso em 28/08/2006).

III Filmografia /Videografia¹

A Bronx morning. Estados Unidos, 11', pb, 35mm, 1931. Direção: Jay Leyda.

À margem da imagem. Brasil, 72', vídeo, 2003. Direção: Evaldo Mocarzel.

A opinião pública. Brasil, 80', pb, 35mm, 1967. Direção: Arnaldo Jabor.

A porta da rua. Brasil, 52', vídeo, 2001. Direção: Ana Rosa Marques, Cyntia Nogueira, Danilo Scaldaferrì.

¹ Relação de filmes e vídeos assistidos - de forma total ou parcial - pela autora e que foram utilizados para a realização do presente trabalho.

A propos de Nice. França, 23', pb, 35mm, 1930. Direção: Jean Vigo.

...A Valparaiso. França/Chile. 37', pb, 35mm, 1963. Direção: Joris Ivens. Comentário: Chris Marker.

Amsterdam global village. Holanda. 245', 35mm, 1996. Direção: Johan Van Der Keuken.

Architecture d'aujourd'hui. França, 18', pb, 35mm, 1930. Direção: Pierre Chenal. Roteiro/Comentário: Le Corbusier.

Aubervilliers. França, 24', pb, 35mm, 1945. Direção: Eli Lotar. Comentário: Jacques Prévert.

Babilônia 2000. Brasil, 80', 35mm, 2000. Direção: Eduardo Coutinho.

Bahia, por exemplo. Brasil, 83', 35mm, 1969. Direção: Rex Schindler.

Bait. Israel, 51', 16mm, 1980. Direção: Amos Gitai.

Bait be Yerushalayim. Israel, 90', 16mm, 1998. Direção: Amos Gitai.

Batir. França, 11', pb, 35mm, 1930. Direção: Pierre Chenal. Roteiro/Comentário: Le Corbusier.

Behind the rent strike. Inglaterra, 50', 16mm, 1974. Direção: Nicholas Broomfield.

Berlin: die Sinfonie der Grosstadt. Alemanha. 69', pb, 35mm, 1927. Direção: Walther Ruttmann.

Berlin stilleben. Alemanha, 9', pb, 16mm, 1931. Direção: Laszlo Moholy-Nagy.

Boca de lixo. Brasil, 50', vídeo, 1992. Direção: Eduardo Coutinho.

Brasília, contradições de uma cidade nova. Brasil, 22', 35mm, 1967. Direção: Joaquim Pedro de Andrade.

Brasília segundo Feldman. Brasil, 20', 16mm, 1979. Direção: Vladimir Carvalho.

Brasília, um dia em fevereiro. Brasil/Holanda, 67', 16mm, 1996. Direção: Maria Augusta Ramos.

Cabra marcado para morrer. Brasil, 119', 35mm, 1984. Direção: Eduardo Coutinho.

Calcutta. França, 105', 35mm, 1969. Direção: Louis Malle.

Carlos, cine-retrato de um 'caminante' em Montevideo. Uruguai, 31', pb, 16mm, 1965. Direção: Mario Handler.

Casa de cachorro. Brasil, 26', vídeo, 2001. Direção: Thiago Villas-Boas.

Central Park. Estados Unidos, 176', 16mm, 1989. Direção: Frederick Wiseman.

Chats perchés. França, 59', vídeo, 2004. Direção: Chris Marker.

Chelovek s Kinoapparatom. Rússia, 65', pb, 16mm, 1929. Direção: Dziga Vertov.

Chronique d'un été. França, 90', pb, 16mm, 1960/61. Direção: Jean Rouch e Edgar Morin.

Cronache dell'urbanistica italiana. Itália, 10', pb, 35mm, 1954. Direção: Nicolo Ferrari. Roteiro: Carlo Doglio.

Comunidade do Pelô. Brasil, 20', 35mm, 1973. Direção: Tuna Espinheira.

Conterrâneos velhos de guerra. Brasil, 200', 35mm, 1991. Direção: Vladimir Carvalho.

Couro de Gato. Brasil, 13', pb, 35mm, 1960. Direção: Joaquim Pedro de Andrade.

Critique de la separation. França, 20', pb, 35mm, 1961. Direção: Guy Debord.

Da janela do meu quarto. Brasil, 5', super-8, 2004. Direção: Cao Guimarães.

Daguerreotypes. França, 115', 16mm, 1975. Direção: Agnès Varda.

Daybreak express. Estados Unidos, 5', 16mm, 1953. Direção: D.A. Pennebaker.

De Brug. Holanda, 11', pb, 35mm, 1928. Direção: Joris Ivens.

De l'autre côté du périph. França, 150', vídeo, 1997. Direção: Bertrand e Nils Tavernier.

Deux ou trois choses que je sais d'elle. França, 95', 35mm, 1967. Direção: Jean-Luc Godard.

Die Stadt von morgen. Ein film von Städtebau. Alemanha, 30', pb, 35mm, 1929/30. Direção: Erich Kotzer.

Douro, faina fluvial. Portugal, 20', pb, 35mm, 1931. Direção: Manoel de Oliveira.

Dworzec. Polônia, 12', pb, 35mm, 1980. Direção: Krzysztof Kieslowski.

Edifício Master. Brasil, 110', 35mm, 2002. Direção: Eduardo Coutinho.

El otro lado...un acercamiento em Lavapiés. Espanha, 111', vídeo, 2001. Direção: Basel Ramses.

Elevado 3.5. Brasil, 75', vídeo, 2006. Direção: Máira Buhler, Paulo Pastorelo e João Sodrê.

Em trânsito. Brasil, 96', vídeo, 2005. Direção: Henri Gervaiseau.

En construcción. Espanha, 127', 35mm, 2001. Direção: José Luis Guerin.

Essa rua tão Augusta. Brasil, 5', pb, 16mm, 1966/69. Direção: Carlos Reichenbach.

Estamira. Brasil, 127', vídeo, 2004. Direção: Marcos Prado.

Every day except Christmas. Inglaterra, 37', pb, 35mm, 1957. Direção: Lindsay Anderson.

Fala tu. Brasil, 74', vídeo, 2004. Direção: Guilherme Coelho.

Großtadt zigeuner. Alemanha, 11', 16mm, 1932/33. Direção: Laszlo Moholy-Nagy.

Handerson e as horas. Brasil, 52', vídeo, 2007. Direção: Kiko Goifman.

Housing problems. Inglaterra, 15', pb, 35mm, 1935. Direção: Edgar Anstey e Arthur Elton.

In girum imus nocte et consumimur igni. França, 105', pb, 35mm, 1978. Direção: Guy Debord.

Jaguar. França, 92', 16mm, 1954/67. Direção: Jean Rouch.

Jean Rouch, subvertendo fronteiras. Brasil, 42', vídeo, 1999. Direção: Ana Lúcia Ferraz, Edgar T. da Cunha, Paula Morgado e Renato Sztutman..

Koyaanisqatsi. Estados Unidos, 87', 35mm, 1983. Direção: Godfrey Reggio.

L'amour existe. França, 19', pb, 16mm, 1960. Direção: Maurice Pialat.

La città degli uomini. Itália, 10', pb, 35mm, 1954. Direção: Michele Gandin. Roteiro: Michele Gandin, Giancarlo De Carlo, Elio Vittorini.

La société du spectacle. França, 90', pb, 35mm, 1973. Direção: Guy Debord.

Le joli Mai. França, 165', pb, 16mm, 1962. Direção: Chris Marker e Pierre Lhomme.

Le mura di Sana'a. Itália, 14', 35mm, 1971. Direção: Pier Paolo Pasolini.

Les maîtres fous. França, 26', 35/16mm, 1955. Direção: Jean Rouch.

Lettre a Freddy Buache. Suíça, 11', 35mm, 1980. Direção: Jean Luc-Godard.

Les glaneurs et la glaneuse. França, 82', vídeo, 2000. Direção: Agnès Varda.

Mannahatta. Estados Unidos, 10', pb, 9mm, 1921. Direção: Paul Strand e Charles Scheler.

Människor I stad. Suécia. 20', pb, 16mm, 1947. Direção: Arne Sucksdorff..

Maria da Maré. Brasil, 20', vídeo, 1991. Direção: Tâmara Egler.

Marimbás. Brasil, 10', pb, 1962. Direção: Vladimir Herzog.

Marseille, vieux port (Impressionen vom altem Marseiller Hafen). Alemanha/França, 9', pb, 16mm, 1929. Direção: Laszlo Moholy-Nagy.

Ménilmontant. França, 37', pb, 16mm, 1926. Direção: Dimitri Kirsanoff.

Menschen am Sonntag. Alemanha, 73'. pb, 35mm, 1929. Direção: Robert Siodmak e Edgar Ulmer.

Momma don't allow. Inglaterra, 21', pb, 16mm, 1956. Direção: Karel Reisz e Tony Richardson.

Moi, un noir – Treichville. França, 80', 35/16mm, 1958. Direção: Jean Rouch.

Nanook of the North. Estados Unidos, 79', pb, 35mm, 1920/22. Direção: Robert Flaherty.

Neues bauen in Frankfurt am Main. Alemanha, 35', pb, 16mm, 1928. Direção: Paul Wolff.

Nice time. Inglaterra, 17', pb, 16mm, 1957. Direção: Alain Tanner e Claude Goretta.

Notes pour Debussy – Lettre ouverte à Jean - Luc Godard. França, 80', vídeo, 1987. Direção: Jean - Patrick Lebel.

New Babylon de Constant. Holanda, 13', vídeo, 2005. Direção: Victor Nieuwenhuijs e Maartje Seyferth.

No Pelô mora gente. Brasil, 5', vídeo, 2003. Direção: Kau Rocha.

Notícias de uma guerra particular. Brasil, 57', 35mm, 1999. Direção: João Moreira Salles e Kátia Lund.

N.U.- Nettezza urbana. Itália, 15', pb, 35mm, 1948. Direção: Michelangelo Antonioni.

O avesso do Pelô. Brasil, 17', vídeo, 1998. Direção: Kau Rocha.

O caso Norte. Brasil, 38', vídeo, 1977. Direção: João Batista de Andrade.

O Dreamland. Inglaterra, 13', pb, 16mm, 1953/56. Direção: Lindsay Anderson.

O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas. Brasil, 75', 35mm, 2000. Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas.

Ônibus, 174. Brasil, 133', 35mm, 2002. Direção: José Padilha.

Paris, la belle. França, 22', pb, 35mm, 1959. Direção: Pierre Prévert. Comentário: Jacques Prévert.

Pasolini e...la forma della città. Itália, 15', vídeo, 1973. Direção: Paolo Brunatto.

Pelô, 450 anos. Brasil, 51', vídeo, 2000. Direção: Sérgio Rezende.

Pelores. Brasil, 30', vídeo, 2003. Direção: Marília Hughes e Aline Frey.

Pelourinho. Brasil, 8', 35mm, 1978. Direção: Vito Diniz.

Petit à petit. França, 90', 16mm, 1969/70. Direção: Jean Rouch,

Playtime. França, 126', 35mm, 1967. Direção: Jacques Tati.

Pour mieux comprendre Paris. França, 5', pb, 35mm, 1935. Direção: Hetienne de Lallier. Roteiro/ Comentário: Marcel Poëte.

Public Housing. Estados Unidos, 200', 16mm, 1997. Direção: Frederick Wiseman.

Quando a rua vira casa. Brasil, 21', 16mm, 1980/81. Direção: Tetê Moraes. Roteiro/ Comentário: Carlos Nelson Ferreira dos Santos, Arno Vogel e Marco Antônio Mello.

Quando o passo vira dança. Brasil, 10', vídeo, 2001. Direção: Paola Berenstein Jacques e Pedro Seiblit.

Radiant city. Canadá, 85', vídeo, 2006. Direção: Gary Burns e Jim Brown.

Recife, de dentro pra fora. Brasil, 15', vídeo, 1997. Direção: Kátia Mesel.

Récits d'Ellis Island. França, 116', vídeo, 1980. Direção: Robert Bober. Comentário: Georges Perec.

Refuge England. Inglaterra, 25', pb, 16mm, 1959. Direção: Robert Vas.

Regen. Holanda, 12', pb, 35mm, 1929. Direção: Joris Ivens.

Rien que les heures. França, 36', pb, 16mm, 1926. Direção: Alberto Cavalcanti.

Rio, 40 graus. Brasil, 100', pb, 35mm, 1955. Direção: Nelson Pereira dos Santos.

Rocinha Brasil – 77. Brasil, 18', 16mm, 1977. Direção: Sérgio Péo.

Route One/USA. Estados Unidos, 242', 35mm, 1989. Direção: Robert Kramer.

Santa Marta, duas semanas no morro. Brasil, 54', vídeo, 1987. Direção: Eduardo Coutinho.

Santo forte. Brasil, 80', 35mm, 1999. Direção: Eduardo Coutinho.

São Paulo, a symphonia da metrópole. Brasil, 90', pb, 35mm, 1929. Direção: Adalberto Kemeny e Rodolfo Rex Lustig.

São Paulo cinemacidade. Brasil, 30', 35mm, 1994. Direção: Aloysio Raulino, Regina Meyer e Marta Dora Grostein.

São Paulo, city-tellers. Brasil/Itália, 48', vídeo, 2006. Direção: Francesco Jodice.

São Paulo, sinfonia e cacofonia. Brasil, 40', 35mm, 1994. Direção: Jean-Claude Bernadet.

Skyscraper symphony. Estados Unidos, 9', pb, 35mm, 1929. Direção: Robert Florey.

Sur le passage de quelques personnes à travers une assez courte unité de temps. França, 20', pb, 35mm, 1959. Direção: Guy Debord.

The city. Estados Unidos, 44', pb, 35mm, 1939. Direção: Ralph Steiner e Willard Van Dyke. Comentário: Lewis Mumford.

The concrete revolution. China/Inglaterra, 62', vídeo, 2004. Direção: Xiaolu Guo.

The cool world. Estados Unidos, 125', pb, 16mm, 1963. Direção: Shirley Clarke.

The Lumiere Brothers' first films. França/Estados Unidos, 61', pb, 1996. Comentário: Bertrand Tavernier. DVD.

The vanishing street. Inglaterra, 20', pb, 16mm, 1962. Direção: Robert Vas.

Tire dié. Argentina, 33', pb, 35/16mm, 1956/58. Direção: Fernando Birri.

Tokyo-Ga. Alemanha, 92', 16mm, 1985. Direção: Wim Wenders.

Um dia na rampa. Brasil, 10', pb, 35mm, 1956/59. Direção: Luis Paulino dos Santos.

Uma avenida chamada Brasil. Brasil, 106', 35mm, 1989. Direção: Otávio Bezerra.

Una lezione di urbanística. Itália, 10', pb, 35mm, 1954. Direção: Geraldo Guerrieri. Roteiro: Geraldo Guerrieri, Giancarlo De Carlo, Maria Luisa Pedroni e Jacques Lecocq.

Une poste a la Courneuve. França, 54', vídeo, 1994. Direção: Dominique Cabrera.

Vida nova sem favela. Brasil, 4', 1971. Produção: Agência Nacional para o cinejornal "Brasil Hoje";

Vila da Barca. Brasil, 10', pb, 16mm, 1965. Direção: Renato Tapajós.

Viramundo. Brasil, 40', pb, 16mm, 1965. Direção: Geraldo Sarno.

We are the Lambeth Boys. Inglaterra, 52', pb, 35mm, 1959. Direção: Karel Reisz.

Who cares? Inglaterra, 17', pb, 16mm, 1971. Direção: Nicholas Broomfield.

Z Miasta Lodzi. Polônia, 17', pb, 35mm, 1969. Direção: Krzysztof Kieslowski.

ANEXOS

I Cronologia do Documentário Urbano

América Latina

• 1898: 1as filmagens no Brasil, feitas por Afonso Segretto;

• BA, 1910-1912: 1^{os} filmes registrando o cotidiano de Salvador, feitos por Diomedes Gramacho e José Dias da Costa;
• RJ, 1911: Burton Holmes visita o Rio de Janeiro.
• 1912: É criado o 1^o cinejornal brasileiro, nos moldes do Pathé Journal;

Europa

• FRA, 1895: “*La sortie des usines Lumière*”, “*L’arrivé d’un train a La Ciotat*” e outros filmes: 1^a exibição do cinematógrafo, no Grand Café, em Paris, pelos irmãos Auguste e Louis Lumière;
• FRA, 1895: “*Une femme Wolof en train de fabriquer des poteries*”, Félix Louis Regnault, considerado o 1^o filme etnográfico;
• 1896-1898: Operadores Lumière são espalhados pelo mundo;
• ITA, 1896: “*Panorama du Grand Canal pris d’un bateau*”, Alexandre Promio - 1^o *travelling*.
• ALE, 1896: “*Alexanderplatz in Berlin*”, Max e Emil Skaladanovsky (bioscópio);

• FRA, 1908: Criado o “Pathé Journal”, o 1^o cinejornal, por Charles Pathé;

• RUS, 1919: Dziga Vertov funda o grupo dos documentaristas-kinocs.

Europa

• EUA: Burton Holmes inventam as “travelogues”;

• EUA: “*New York -1911*”, Julius Jaenzon.
• EUA: “*In the land of the headhunters*”, Edward S.Curtis;

Europa / Canadá

África / Ásia / Oce

C R O N O L O G I A D O D O C U M E N T Á R I O U R B A N O

o m é r i c a l a t i n a

• AM: "No paiz das Amazonas", Silvíno Santos;

• RJ: "Terra encantada", Silvíno Santos;

• RJ: "As favelas", produção João Augusto de Mattos Pimenta e Rotary Club, 10';

• MG: "Symphonia de Cataguases", Humberto Mauro

• SP: "São Paulo, sinfonia de uma cidade", Adalberto Kemeny e Rodolfo Rex Lustig, 90';

b r a s i l

• RUS: Dziga Vertov publica o manifesto "Nós" no nº 1 da revista Kinophot';

• RUS: Dziga Vertov publica "Resolução do Conselho dos Três";

• RUS: Dziga Vertov publica "Nascimento do cine-olho";

• FRA: "Rien que les heures", Alberto Cavalcanti, 36';
• FRA: "Menilmontant", Dimitri Kirsanoff, F/D, 37';

• ALE: "Berlin – Die sinfonie der großstadt", Walther Ruttmann, 69';
• FRA: "Les Halles Centrales", Boris Kaufman, 7';
• HOL: "Études des mouvements à Paris", Joris Ivens, 4';
• RUS: "Moskva", Mikhail Kaufman e Ilya Kopalín, 57';

• ALE: "Neues bauen in Frankfurt am Main", Paul Wolff/ concepção Ernst May, 35';
• FRA: "La tour", René Clair, 11';
• FRA: "La zone: Au pays des chiffonniers", Georges Lacombe, 28';
• FRA: "Études sur Paris", André Sauvage, 75';
• HOL: "De brug", Joris Ivens, 11';

• ALE: "Markt am Wittenbergplatz", Wilfried Basse, 17';
• ALE: "Die Stadt von morgen. ein film von Stadtebau", Erich Kotzer, 30';
• BEL: "Images d'Ostende", Henri Storck, 12';
• FRA: "Nogent, Eldorado du dimanche", Marcel Carné, 20';
• FRA: "A propos de Nice", Jean Vigo, 23';
• FRA/ALE: "Marseille, vieux port", Laszlo Moholy-Nagy, 9';
• HOL: "Heien", Joris Ivens, 10';
• HOL: "Regen", Joris Ivens, 12';
• ITA: "Stramilano", Corrado d'Errico, 16';
• RUS: "Cheloveks Kinoapparatom", Dziga Vertov, 65';

• NY: "Mannhatta", Paul Strand e Charles Sheel, 9';

• EUA: "Nanook of the North", Robert Flaherty, 79';

• EUA: Surge a câmara 16mm;

• EUA: "Twenty-four-Dollar Island", Robert Flaherty, 10';

• EUA: John Grierson introduz o termo "documentário" ao escrever artigo sobre "Moana" para o New York Sun;

• EUA: "The crowd", King Vidor, F/D, 104';

e u a / c a n a d á

á f r i c a / á s i a / o c e

C R O N O L O G I A D O D O C U M E N T Á R I O U R B A N O

América Latina

• RJ: "A favela de meus amores", Humberto Mauro, F/D;

• RJ: Criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) pelo Ministério da Educação e Saúde;

Berlim

• ALE: "Menschen am Sonntag", Robert Siodmak e Edgar G.Ulmer, 73';
 • FRA: "Batir", Pierre Chenal/roteiro e comentário Le Corbusier, 11';
 • FRA: "Architecture d'aujourd'hui", Pierre Chenal/roteiro e comentário Le Corbusier, 18';

• ALE: "Berlin stilleben", Laszlo Moholy-Nagy, 9';
 • POR: "Douro, faina fluvial", Manoel de Oliveira, 20';

• ALE: "Großstadt zigeuner", Laszlo Moholy-Nagy, 11';
 • ESP: "Las Hurdes: Tierra sin pan", Luis Buñuel, 26';
 • FRA: "Voirie parisienne", autoria desconhecida;
 • FRA: "Les petits métiers de Paris", Pierre Chenal, 18';

• BEL: "Misere du Borinage", Joris Ivens e Henri Stork;
 • ALE: "Architects congress 1933", Laszlo Moholy-Nagy, 29';
 • ING: é formado o GPO (General Post Office) Film Unit, com coordenação de Grierson e participação de Alberto Cavalcanti;

• ING: "Housing problems", Edgar Anstey e Arthur Elton/ produção GPO Unit, 15';
 • FRA: "Pour mieux comprendre Paris", Hetienne de Lallier/roteiro e comentário Marcel Poëte, 5';

• BEL: "Les maisons de la misère", Henri Storck, 30';
 • ING: "Kensal House", Frank Sainsbury, 11';

• ING: "Housing progress", Matthew Nathan/ produção Housing Centre;
 • FRA: "Les batisseurs", Jean Epstein, 49';

• ING: "The city", Ralph Elton, 20';
 • ING: "Spare time", Humphrey Jennings, 18';

Europa

• EUA: "A Bronx Morning", Jay Leyda, 11';
 • EUA: "City of contrasts", Irving Browning, 18';

• EUA: "Evolution of the skyscraper", Francis Thompson;

• EUA: "The city", Willard van Dyke e R.Steiner/ produção American Institute of Planners/ comentário Lewis Mumford, 44';

América / Canadá

África / Ásia / Oce

C R O N O L O G I A D O D O C U M E N T Á R I O U R B A N O

américa latina

- RJ: "Cidade do Rio de Janeiro", Humberto Mauro/ produção INCE, 32';
- RJ: "Cidade do Salvador", Humberto Mauro/ produção INCE, 21';
- RJ: "Cidade de São Paulo", Humberto Mauro/ produção INCE;

Brasil

- FRA: "Un village dans Paris", Pierre Harts /co-produção René Clair, 14'

- POR: "Aniki-Bobó", Manoel de Oliveira, 70';
- ING: "New towns for old", John Eldridge, 6';

- ING: "When we build again", Ralph Bond, 27';

- FRA: "Aubervilliers", Eli Lotar, 24';
- ING: "Proud city - A plan for London", Ralph Keene, 26';
- ITA: "Roma, città aperta", Roberto Rossellini, F/D, início do neo-realismo italiano;

- ING: "The way we live", Jill Craigie, 64';
- ING: "Land of promise", Paul Rotha, 6g';
- ITA: "Bambini in città", Luigi Comencini, 15';
- ITA: "Barboni", Dino Risi, 11';

- SUE: "Människor I stad", Arne Sucksdorff, 20';

- ESC: "Waverly steps", John Eldridge, 31';
- ITA: "Netezza urbana", Michelangelo Antonioni, 15';
- ITA: "Ladri di biciclette", Vittorio de Sica, F/D, 85';

- "Notturmo", Vittorio Sala, 18';

Europa

- EUA: "In the street", James Agee, Helen Levitt, Janice Loeb, 15';

europa / américa

áfrica / ásia / oce

C R O N O L O G I A D O D O C U M E N T Á R I O U R B A N O

<p>América Latina</p>			<p>América Latina</p>			<p>América Latina</p>		
<p>RJ: "Filme e realidade", livro de Alberto Cavalcanti;</p>			<p>RJ: "Rio 40 graus", Nelson Pereira dos Santos, F/D, 90'; início do Cinema Novo;</p>			<p>BA: "Um dia na rampa", Luis Paulino dos Santos, 10';</p>		
<p>ITA: "Storia di un quartiere", Valerio Zurlini, 11';</p>			<p>ING: "Home of your own", Tony Thompson, 22';</p>			<p>FRA: Leroi - Gourhan e Jean Rouch ajudam a criar o Comité du Film Ethnographique;</p>		
<p>FRA: "Champs-Elysees", Walter Carone, Roger Thérond/comentário Raymond Queneau, 22';</p>			<p>ING: "O Dreamland", Lindsay Anderson, 13';</p>			<p>ITA: "La stazione", Valerio Zurlini, 11';</p>		
<p>FRA: "Jaguar", Jean Rouch, 91' (finalizado em 1967);</p>			<p>FRA: "Paris mon copain", Pierre Lhomme, 13';</p>			<p>ITA: "Cronaque sell'urbanistica italiana", Nicolo Ferrari/roteiro Carlo Doglio, 10';</p>		
<p>ITA: "La città degli uomini", Michele Gandin/roteiro De Carlo e outros, 10';</p>			<p>ITA: "Une lezione di urbanistica", Geraldo Guerrieri/roteiro De Carlo e outros, 10';</p>			<p>FRA: "Les maitres fous", Jean Rouch, 36';</p>		
<p>FRA/EUA: "Saint-Germain-des-Prés", Orson Welles, 27';</p>			<p>ING: "Momma don't allow", Karel Reisz e Tony Rochardson, 21';</p>			<p>ING: 1º Programa do Free Cinema e publicação de manifesto escrito por Lindsay Anderson;</p>		
<p>FRA: "La crise du logement", Jean Dewever, 25';</p>			<p>POR: "O pintor e a cidade", Manoel de Oliveira, 28';</p>			<p>ESC: "Let Glasgow flourish", Dawn Cine Group;</p>		
<p>FRA: "La rue du Moulin de la Pointe", Jacques Krier, 25';</p>			<p>FRA: "Le Corbusier, l'architecte du bonheur", Pierre Kast, 21';</p>			<p>ING: "Nice Time", Alain Tanner e Claude Goretta, 17';</p>		
<p>ING: "Every day except Christmas", Lindsay Anderson, 37';</p>			<p>FRA: "Moi, un noir-Treichville", Jean Rouch, 80';</p>			<p>FRA: "L'Opera-Mouffe: Carnet de notes d'une femme enceinte", Agnes Varda, 17';</p>		
<p>FRA: "La seine a rencontré Paris", Joris Ivens, 31';</p>			<p>FRA: "Des logis et des hommes", Jean Dewever, 16';</p>			<p>ITA: "Ignoti alla città", Cecilia Mangini/comentário Pier Paolo Pasolini, 13';</p>		
<p>POL: "Spacerok Staromiejski"(A walk in the old city), Andrzej Munk, 20';</p>			<p>FRA: "Sur le passage de quelques personnes à travers une assez courte unité de temps", Guy Debord, 20';</p>			<p>FRA: "Paris la Belle", Pierre Prévert, 20';</p>		
<p>FRA: "Hiroshima mon amour", Alain Resnais/roteiro Marguerite Duras, F/D, 90';</p>			<p>ING: "Refuge England", Robert Vas, 25';</p>			<p>EUA: "Daybreak Express", D.A.Pennebaker, 5';</p>		
<p>EUA: "On the Bowery", Lionel Rogosin, 60';</p>			<p>EUA: "NY, NY: A day in New York", Francis Thompson;</p>			<p>EUA: "Bridges-go-round", Shirley Clarke, 7';</p>		
<p>EUA/FRA: "Broadway by light", William Klein/montagem Alain Resnais, 12';</p>			<p>EUA: "Skycraper", Shirley Clarke e Willard Van Dyke, 20';</p>			<p>CAN: "Bientôt Noel", Terence Macartney-Filgate, 29';</p>		
<p>África / Ásia / Oce</p>			<p>África / Ásia / Oce</p>			<p>África / Ásia / Oce</p>		

C R O N O L O G I A D O D O C U M E N T Á R I O U R B A N O

<ul style="list-style-type: none"> • ARG: “Buenos días, Buenos Aires”, Fernando Birri, 20’; 	<ul style="list-style-type: none"> • ARG: “Los inundados”, Fernando Birri, F/D, 87’; 	<ul style="list-style-type: none"> • ARG: “Los cuarenta cuartos”, Juan Oliva, 23’, primeiro filme da Escola Documental de Santa Fé a ser censurado; 	<ul style="list-style-type: none"> • ARG: Fernando Birri se afasta da direção da Escola Documental de Santa Fé; • CHI/FRA: “...A Valparaiso”, Joris Ivens, comentário de Chris Marker, 37’; 	<ul style="list-style-type: none"> • URU: “Carlos, cine-retrato de un caminante en Montevideo”, Mario Handler, 31’; 		<ul style="list-style-type: none"> • ARG: “Los anónimos”, Pedro Stocki, c/m; 		<ul style="list-style-type: none"> • ARG: Manifesto “Hacia un Tercer Cine”, escrito por Fernando Solanas e Octavio Getino; • CUB: Manifesto “Por un cine imperfecto”, escrito por Julio García Espinosa; 	
<ul style="list-style-type: none"> • DF: Inauguração de Brasília; • BA: “Igreja”, Silvio Robatto, 9’; 	<ul style="list-style-type: none"> • RJ: “Couro de gato”, Joaquim Pedro de Andrade, F/D, 13’, um dos episódios de “Cinco vezes favela”, F coordenado por Nelson Pereira dos Santos e produzido pelo CPC; • RJ: É criado o CPC - centro de Cultura Popular; 	<ul style="list-style-type: none"> • RJ: “Marimbas”, Vladimir Herzog, 10’; • RJ: Os gravadores portáteis “Nagra” chegam ao Brasil trazidos por Arne Sucksdorff; 	<ul style="list-style-type: none"> • SP: Fernando Birri faz conferências e tem seus filmes exibidos em uma mostra. 	<ul style="list-style-type: none"> • DF: “Brasília, planejamento urbano”, Fernando Coni Campos, sob orientação de Lúcio Costa, 15’; • DF: início da ditadura militar em 1º de abril; • PR: “As moradas”, Sylvio Back, 9’; • PE: As filmagens de “Cabra marcado pra morrer”, documentário dirigido por Eduardo Coutinho, com assistência de Vladimir Carvalho e produzido pelo CPC, são interrompidas; 	<ul style="list-style-type: none"> • RJ: Glauber Rocha lança o manifesto “Estética da fome”; • RJ/SUE: “Mitt hem är Copacabana” (Fábula...minha casa é Copacabana), Arne Sucksdorff, F/D, 88’; • SP: “Viramundo”, Geraldo Sarno, 40’; • SP/PA: “Vila da Barca”, Renato Tapajós, 10’; • PR: “Curitiba, amanhã”, Sylvio Back; 	<ul style="list-style-type: none"> • AM: “Amazonas, Amazonas”, Glauber Rocha, c/m; • DF: “Fala Brasília”, Nelson Pereira dos Santos, 12’; • MA: “Maranhão 66”, Glauber Rocha, c/m; • RJ: “Rio, uma visão de futuro”, Xavier de Oliveira, 11’; 	<ul style="list-style-type: none"> • DF: “Brasília, contradições de uma cidade nova”, Joaquim Pedro de Andrade, 22’; • RJ: “A opinião pública”, Arnaldo Jabor, 80’; 	<ul style="list-style-type: none"> • RJ: “Câncer”, Glauber Rocha, F/D, 86’. - com participação de Hélio Oiticica e Mangueira, finalizado em 1972; 	<ul style="list-style-type: none"> • SP: “Rua 100, New York”, Aloysio Raulino, Plácido Campos Jr., 9’; • SP: “Essa rua tão Augusta”, Carlos Reichenbach, 5’;
<ul style="list-style-type: none"> • FRA: “Cronique d’un été”, Jean Rouch e Edgar Morin, 90’; • FRA: “L’amour existe”, Maurice Pialat, 19’; • FRA: “Sarcelles, quarante mille voisins”, Jacques Krier, 15’; • HOL: “Paris a l’aube”, Johan Van der Keuken, 10’; • ITA: “Luciano-Via dei Capellari”, Gian Vittorio Baldi, 10’; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: “Critique de la separation”, Guy Debord, 20’; • ING: “Terminus”, John Schlesinger, 30’; • ITA: “La canta della marane”, Cecilia Mangini, comentário Pier Paolo Pasolini, 11’; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: “Urbanisme africain”, Jean Rouch; • ING: “Tha vanishing street”, Robert Vas, 20’; • FRA: “Le joli Mai”, Chris Marker e Pierre Lhomme, 165’; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: “Gare de Lyon”, William Klein, 12’; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: “Paris mon copain”, Pierre Lhomme, 13’; 	<ul style="list-style-type: none"> • HOL: “La rue est libre”, Johan Van der Keuken, 7’; • FRA: “Expo 1900”, Marc Allégret, comentário de Jean Rouch 14’; • HOL: “Rotterdam Europort”, Joris Ivens, comentário de Chris Marker, 20’; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: “Deux ou trois choses que je sais d’elle”, Jean-Luc Godard, F/D, p5’; • FRA: “La société du spectacle”, livro de Guy Debord; • FRA: “D’Autres Spaces”, conferência de Michel Foucault; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: Revoltas estudantis em Maio; • POL: “Z miasta Lodzi”- Da cidade de Lodz, Krzysztof Kieslowski, 17’; 		
<ul style="list-style-type: none"> • EUA: “Cortile Cascino”, Robert Young e Michael Roemer, 58’; • EUA: “The Death and Life of Great American Cities”, de Jane Jacobs; 			<ul style="list-style-type: none"> • EUA: “The cool world”, Shirley Clarke, F/D, 125’; 	<ul style="list-style-type: none"> • EUA: “Empire”, Andy Warhol, E/D, 486’; 	<ul style="list-style-type: none"> • EUA: “Pestilent city”, Peter Emanuel Goldman, 16’; 			<ul style="list-style-type: none"> • EUA: “Necrology”, Standish D. Lawder, 11’; 	
<p>América Latina / América do Sul / África / Ásia / Oce</p>									

C R O N O L O G I A D O D O C U M E N T Á R I O U R B A N O

<p>América Latina</p>														
<ul style="list-style-type: none"> • COL: "Oiga, Vea!", Luis Ospina e Carlos Mayolo, 27'; 	<ul style="list-style-type: none"> • COL: "Chircales", Marta Rodríguez e Jorge Silva, 42'; 	<ul style="list-style-type: none"> • COL: "Cali, de película", Luis Ospina e Carlos Mayolo, 14'; 	<ul style="list-style-type: none"> • CUB: "De cierta manera", Sara Gomez, F/D, 72'; 	<ul style="list-style-type: none"> • BA: "Bahia, por exemplo", D, Rex Schindler; • RJ: "A cidade cresce para a Barra", Paulo Roberto Martins, 10'; • SP: "Lacrimosa", Aloysio Raulino e Luna Alkalay, 12'; 	<ul style="list-style-type: none"> • SP: "Jardim Nova Bahia", Aloysio Raulino, 15'; • SP: "Bexiga ano zero", Regina Jehá, 10'; • RJ: "Vida nova sem favela", autoria desconhecida/ cinejornal "Brasil Hoje", 4'; • RJ: "Pira", Sérgio Péo, 18'; 	<ul style="list-style-type: none"> • RJ: "Zona Sul", Henrique Faulhaber Barbosa, E/D, 20'; • RJ: "Arquitetura: transformação do espaço", Walter Lima Jr. / Globo Shell Especial, 50'; • SP: "Migrantes", João Batista de Andrade, 7'; • SP: "Espectadores", Aloysio Raulino, Marcos Maia, Denise Banho, Luís Paulo, 9'; • SP: "Campos Elísios", Ugo Giorgetti, 10'; • NY: "Agripina é Roma-Manhattan", Hélio Oiticica, E/D; 	<ul style="list-style-type: none"> • BA: "Comunidade do Maciel", Tuna Espinheira, 20'; • SP: "Megalópolis", Leon Hirszman, 12'; • SP: "Campos Eliseos", Ugo Giorgetti, 10';s 	<ul style="list-style-type: none"> • BA: "Como nasce uma cidade. (Feira de Santana – 100 anos de existência)", Olney São Paulo, 10'; • BA: "Cachoeira, documento da história", Olney São Paulo, 10'; • RJ: "Maré", Sérgio Péo, 13'; • SP: "Teremos infância", Aloysio Raulino, 13'; • PR: "Curitiba, uma experiência em planejamento urbano", Sylvio Back, 9'; 	<ul style="list-style-type: none"> • DF: "Mutirão", Vladimir Carvalho, 17'; • DF: "Vila Boa de Goyaz", Vladimir Carvalho, 19'; • SP: "Edifício Martinelli", Ugo Giorgetti, 22'; • SP: "O buraco da comadre", João Batista de Andrade, 12'; • SP: "Restos", João Batista de Andrade, 12'; • BA: "A comercial vila dos Lençóis", Vito Diniz, 20'; • BA: "Cidade da Bahia", José Setti, 7'; 	<ul style="list-style-type: none"> • PE: "Filme de percussão mercado adentro", Fernando Monteiro, 9'; • SP: "Fim de semana", Renato Tapajós, 30', sob orientação de Ermínia Maricato' • BA: "Por exemplo, Caxundé", Pola Ribeiro, 13'; • BA: "Ladeiras de Salvador", André Luiz Oliveira, c/m; 	<ul style="list-style-type: none"> • RJ: "Rocinha Brasil - 77", Sérgio Péo, 18'; • RJ: "Relax místico", Giorgio Croce e Ragnar Lagerblag, F/D, 18'; • RJ: "Praça Tiradentes 77", José Joffily, 11'; • SP: "O caso Norte", João Batista de Andrade/Globo Repórter, 38'; • SP: "Tamo ino", Maria Inês Villares, 29'; • BA: "Diga aí, Bahia", Emiliano Ribeiro e Álvaro Freire, 12'; 	<ul style="list-style-type: none"> • COL: "Gamin", Ciro Durán; 	<ul style="list-style-type: none"> • BA: "Pelourinho", Vito Diniz, 8'; • SP: "Ovo de Colombo (Caravelas)", C. P. de Andrade Jr. e L. Crescenti Neto, 12'; • SP: "Pergunta de amor", Reinaldo Volpato, 9'; • DF: "Brasília segundo Feldman", Vladimir Carvalho, 20'; • PE: "Fabulário tropical", Geneton Moraes Neto, 5'; • SP: "Tamo ino", Maria Inês Villares, 29'; • SP: "Wilsinho Galiléia", João Batista de Andrade/Globo Repórter, 82'; • RJ: "Ritos de passagem", Sandra Werneck, 11'; • RJ: "Associação de moradores de Guararapes", Sérgio Péo, 11'; • RJ: "Canto da sereia", Leonardo Aguiar, 10'; 	<ul style="list-style-type: none"> • SP: "Porto de Santos", Aloysio Raulino, 19'; • SP: "Loteamento clandestino", Ermínia Maricato, 27'; • RJ: "Canto da sereia", Leonardo Aguiar, 10';
<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "Petit à petit", Jean Rouch, 90'; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "Ville à vendre", Alain Moreau, Patrick Laporte, Jean-Paul Miroglío, Joel Theze, Olga Wegrzecka, 30'; • ITA: "Le mura di Sana'a", Pier Paolo Pasolini, 14'; • ING: "Who cares?", Nicholas Brommfield, 17'; • FRA: "Destruição do Les Halles em Paris," 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "La société du spectacle", Guy Debord, 90'; • FRA: "Le dernier cri des Halles", Monique Aubert, 36'; • HOL: "Le mur", Johan van der Keuken, 9'; • ITA: "Pasolini e...La forma della città", Pier Paolo Pasolini, Paolo Brunatto, 15'; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "Place de la République", Louis Malle, 95'; • ING: "Behind the rent strike", Nicholas Brommfield, 50'; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "Daguerréotypes", Agnès Varda, 80'; • FRA: "La ville est a nous", Serge Poljinski, 95'; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "Allée des signes", Gisele Rapp-Meichler e Luc Meichler, 21'; 	<ul style="list-style-type: none"> • BEL/FRA/ALE: "News from home", Chantal Akerman, E'D, 90'; • FRA: "Monopoly", Stanislas Choko; 	<ul style="list-style-type: none"> • BEL: "Magnum Begynasium Bruxellense", Boris Lehman, 145'; • FRA: "Lyon, le regard intérieur", Bertrand Tavernier, 60'; • FRA: "In girum imus nocte et consumimur igni", Guy Debord, 105'; • SUI: "Chronique d'une ville: Fribourg", Jacqueline Veuve, 28'; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "Cesaree", Marguerite Duras, 10'; 						
<p>Europa / Canadá</p>														
<p>África / Ásia / Oce</p>														
			<ul style="list-style-type: none"> • ISR: "Memphis, USA", Amos Gitai; 			<ul style="list-style-type: none"> • ISR: "Shikun" (Public house), Amos Gitai, 23'; 	<ul style="list-style-type: none"> • ISR: "Architectura", Amos Gitai, 13'; • ISR: "Wadi Rushmia", Amos Gitai, 36'; 							

C R O N O L O G I A D O D O C U M E N T Á R I O U R B A N O

América Latina

- RJ: "Quando a rua vira casa", Tetê Moraes/ roteiro e comentário Carlos Nelson F. dos Santos, Arno Vogel e Marco A. Mello, 21';
- RJ: "Transporte de massa, desespero do povo", Geraldo Sarno, c/m;
- SP: "Um caso comum", Renato Tapajós, 22';
- PA: "Chão, terra, lugar de morar", Januário Guedes, 16mm, 13';

- DF: "Brasília segundo Alberto Cavalcanti", Antônio Carlos Fontoura, 30';
- RJ: "Em cima da terra, em baixo do céu", Walter Lima Jr., 42';
- Publicação de "Filmografia do habitat", pesquisa coordenada por Tetê Moraes para o IBAM.

- RJ: "Fala Mangureira", Frederico Confalonieri, 52';

- DF: "Perseghini", Vladimir Carvalho, 21';
- PE/PB/RN/RJ: 20 anos depois, o filme "Cabra marcado para morrer" é finalizado por Eduardo Coutinho;
- RJ: "Angela noite", Roberto Moura;

- COL: "Cali, Cálido Caleidoscópio", Carlos Mayolo, 25';

- RJ: "A Rocinha tem histórias", Eunice Gutman, 35';
- SP: "Do outro lado da sua casa", Renato Barbieri, Marcelo Machado e Paulo Morelli, 19';

- ARG: "Buenos Aires, crônicas villeras", D (55') dir. Marcelo Cespedes e Carmem Guarini;
- CUBA: "Vecinos", D (16'), Enrique Colina;

- RJ: "Santa Marta: Duas semanas no morro", Eduardo Coutinho, 54';
- SP: "Há lugar", Júlio Wainer e Juraci de Souza, 21';
- Publicação de "Videografia do habitat", pesquisa coordenada por Carlos Nelson Ferreira dos Santos para o IBAM.

- SP: "Meninos de rua", Marlene França (fotografia de Aloysio Raulino), 25';

- BA: "Adeus Rodelas", Agnaldo Siri Azevedo, 20';
- RJ: "Uma avenida chamada Brasil", Otávio Bezerra, 106';
- RJ: "Praça Tiradentes 89", Roberto Moura;
- SP: "Uma casa", Jeanne Bisilliat, 52';
- SP: "Favelas", Chico Teixeira, 50';

Brasil

- FRA: "Lettre a Freddy Buache", Jean-Luc Godard, 11';
- FRA: "Mur murs", Agnes Varda, 81';
- FRA: "Récits d'Ellis Island -Traces", Georges Perec e Robert Bober, 57';
- FRA: "Récits d'Ellis Island - Mémoires", Georges Perec e Robert Bober, 59';
- POL: "Dworzec" (A estação), D Krzysztof Kieslowski, 12';

- FRA: "J'ai droit a la parole", Dominique Cabrera, 30';
- FRA: "Inauguration", Georges Perec e Robert Bober, 9';

- FRA: "Alésia e retour. Voyage phenomenal", Abraham Ségal, 50';

- FRA: "L'amour rue de Lappe", Denis Gheerbrant, 64';
- FRA: "Les cites cariatides", Agnes Varda, 13';
- FRA: "New York, N.Y.", Raymond Depardon, 10';

- FRA: "Un ticket dir. metro pour la Chine", Michaela Watteaux, 52';

- FRA: "Notes pour Debussy - Lettre ouverte à Jean-Luc Godard", Jean-Patrick Lebel, 80';
- FRA/Hol: "Allô Police", Manu Bonmariage, 60';

- FRA: " Mekong sur Seine", Tanete Pong Masak, 21';

- FRA: "Marseille de père en fils", Jean-Louis Comolli, 160';

Europa / Canadá

- EUA: "Koyaanisqatsi", Godfrey Redgio, 87';

- EUA: "This is the story of New York", Jem Cohen, 23';

- EUA: "Central Park", Frederick Wiseman, 176';
- EUA: "Route One/USA", Robert Kramer, 241';

África / Ásia / Oce

- ISR: "Bait" (A casa), Amos Gitai, 51';

C R O N O L O G I A D O D O C U M E N T Á R I O U R B A N O

<ul style="list-style-type: none"> • COL: "Adiós a Cali", Luis Ospina, 52'; 	<ul style="list-style-type: none"> • COL: "El diario de la plaza, la vida de improviso", Antonio Dorado, 27'; 				<ul style="list-style-type: none"> • COL: "Cronicas de Cali", Sandra Escobar, James Triviño, Rogelio Navarro e outros, 25'; 		<ul style="list-style-type: none"> • CUB/POL: "El porvenir de una illusion", F/D, Franco de Peña, 52'; • CUB: "Malecon", Jan van Bilsen e Dirk Vandersypen, 25'; • CUB: "Cuba III", Jan van Bilsen e Dirk Vandersypen, 52'; 		<ul style="list-style-type: none"> • MEX: "Mi multi es mi multi", Gabriela de Garay e outros, 57';
<h1>América Latina</h1>									
<ul style="list-style-type: none"> • DF: "Rodoviária", César Mendes, 17'; • SP: "Mutirão – O sonho de morar", Renato Bulcão e Jeanne Bisilliat, 27'; 	<ul style="list-style-type: none"> • BA: "Salvador, pretérito imperfeito", Ana Fernandes e Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes; • MG: "Paca de telhado", Fábio Carvalho, 12'; • RJ: "Surfista de trem", Jorge Bodansky, 18'; • RJ: "Maria da Maré", Tamara Egler, 20'; 	<ul style="list-style-type: none"> • DF: "Conterrâneos velhos de guerra", Vladimir Carvalho, 200'; • RJ: "Boca de lixo", Eduardo Coutinho, 50'; • SP: "Projeto coletivo – Sonho e realidade", Júlio Wainer, 15'; • SP: "Homens de rua", Joel Zito Araújo; • SP: "Zona Leste Alerta", Francisco César Filho, 11'; 	<ul style="list-style-type: none"> • RJ: "E por aqui vou ficando", Pedro Simonard, 13'; • SP: "São Paulo – Cinemacidade", Aloysio Raulino, Marta Dora Grostein e Regina Meyer, 30'; • SP: "São Paulo, sinfonia e cacofonia", Jean-Claude Bernadet, 40'; 	<ul style="list-style-type: none"> • DF: "Cadê Brasília que construímos", T. Chaves, N.Magalhães e J. W. Nunes, 50'; • RJ: "Eu não troco esse lugar por nada", Júlio César Carvalho; • RJ: "Es, 23 paços do poder", Tâmara Egler, 20'; • SP: "Me despeso deste Martinelli com muito carinho e amor (sic)", C.Romani, H. Pimentel e Oldimar P.Cardoso, 9'; 	<ul style="list-style-type: none"> • DF: "Brasília, um dia em fevereiro", Maria Augusta Ramos, 67'; • SP: "Mooca, São Paulo", Francisco César Filho, 7'; • SP/RJ: 1ª ed. do É Tudo Verdade - Festival Internacional de Documentários; 	<ul style="list-style-type: none"> • PE: "Recife de dentro pra fora", Kátia Mesel, 15'; • RJ: "Dois mundos", Luiz Eduardo Lerina, 25'; 	<ul style="list-style-type: none"> • BA: "O avesso do Pelô", Kau Rocha; • DF/ALE: "Vacancy", Mathias Muller, 14'; • RJ: "Cidade São Cristóvão", F/D, Guto Neto, 24'; • SP: "São Paulo: Crônicas da periferia", Caca Vicalvi; 	<ul style="list-style-type: none"> • RJ: "Chapéu Mangueira e Babilônia: Histórias do morro", Consuelo Lins, 52'; • RJ: "Notícias de uma guerra particular", João Moreira Salles e Kátia Lund, 57'; 	
<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "Un balcon a Val Fourré", Dominique Cabrera, 44'; • ROM/FRA: "Bucarest: la mémoire mutilée", Sophie Martre, 52'; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "Et la vie", Denis Gheerbrant, 95'; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "Chronique d'une banlieue ordinaire", Dominique Cabrera, 56'; • FRA: "En remontant la rue Vilin", Robert Bober, 48'; • FRA: "Les poussins de la Goutte d'Or", Jean-Michel Carré, 52'; • FRA: "Paysages: porte de Bagnolet", Pierre Zucca, 27'; • FRA/ING: "You'll never walk alone", Evelyne Ragot, Jérôme de Missoltz, 92'; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "Rejane dans la tour", 15', e Rêves de ville", Dominique Cabrera, 26'; • FRA: "Pour tout l'or d'une Goutte!", Sami Sarkis, 93'; • FRA: "Au nom de l'urgence", Alain Dufau, 76'; • FRA: "Bondy Nord – C'est pas la peine qu'on pleure!", Claudine Bories, 53'; • FRA: "Dédale", Gisele Rapp-Meichler e Luc Meichler, 18'; • FRA/IUG: "Les vivants et les morts a Sarajevo", Radovan Tadic, 75'; • RUS: "La maison de la rue Arbat", Marina Goldovskaia, 60'; • BEL: "Bruxelles Requiem", A.Dartevelle, 70'; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "Une poste a la Corneuve", Dominique Cabrera, 54'; • FRA: "Babelville", Philippe Baron, 58'; • FRA: "Les trottoirs de Paris", Jean-Michel Carré, 52'; • ITA: "Caro diario", Nanni Moretti, F/D, 100'; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "Rue des Partans", Gilles Dinnematin, 52'; • FRA: "Les Gens des baraques", Robert Bozzi, 88'; • FRA: "Mesdames Messieurs les locataires", Rina Sherman (com Jean Rouch), 64'; • FRA: "La tribu du tunnel", Florent Marcie, 50'; • ING: "Two hours from London", Jill Craigie, 52'; 	<ul style="list-style-type: none"> • ING: "Blight", John Smith, 14'; • HOL: "Amsterdam, global village", Johan van der Keuken, 245'; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "De l'autre côté du périph", Bertrand Tavernier e Nils Tavernier, 150'; 	<ul style="list-style-type: none"> • AUS/SUT: "Megacities", Michael Glawogger, 94'; • FRA: "City empires", Robert Kramer, 24'; • HOL: "Riviera Hotel", Bernie Ijdis, 90'; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA/TUR: "Nalan Turkeli, une femme des bidonvilles", Evelyne Ragot, 62';
<h1>Europa / Oceania</h1>									
			<ul style="list-style-type: none"> EUA: "Children of fate: Life and death in a sicilian family", Andrew Young e Susan Todd, 85'; 				<ul style="list-style-type: none"> • EUA: "Public Housing", Frederick Wiseman, 200'; • EUA/ALE: "Manhattan stories", Thomas Schadt e Susanne Kammermeier, 90'; 		<ul style="list-style-type: none"> • EUA: "Belfast, Maine", Frederick Wiseman, 245';
<h1>África / Ásia / Oce</h1>									
						<ul style="list-style-type: none"> • CHI: "No.16, Barkhor South Street", Duan Jin-Chuan, 100'; 		<ul style="list-style-type: none"> • ISR: "Bait be Yerushalayim", Amos Gitai, 90'; 	<ul style="list-style-type: none"> • CHN: "Beijing de feng hen da" (There's a strong wind in Beijing), Ju An Qi;

C R O N O L O G I A D O D O C U M E N T Á R I O U R B A N O

<ul style="list-style-type: none"> • HAI: "Puerto Principe Mio", Rigoberto Lopez, 57'; 	<ul style="list-style-type: none"> • ARG: "Siete dias en el Once", Daniel Burman, 42'; • CUB: "Habana hoy: impresiones de una ciudad en 16 cuentos", C. Ricciarelli e D. Malquori, 29'; • MEX: "Todavía estamos", Greg Berger, 30'; 	<ul style="list-style-type: none"> • MEX: "Niños de la calle", Eva Aridjis, 82'; 	<ul style="list-style-type: none"> • CHI: "Ningun lugar en ninguna parte", Jose Luis Torres Leiva, 70'; 	<ul style="list-style-type: none"> • ARG: "Habitacion disponible", Diego Gachassin, Eva Poncet, Marcelo Burd, 80'; 	<ul style="list-style-type: none"> • CUB: "Desvario", Julia Mariano, 17'; 	<ul style="list-style-type: none"> • PERU/ESP: "Calles de Lima", Marcelo Bukin, 13'; • MEX: "En el hoyo", Juan Carlos Rulfo, 84'; 			
<ul style="list-style-type: none"> • BA: "Pelô, 450 anos", Sérgio Rezende, 51'; • BA: "O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas", Marcelo Luna e Paulo Caldas, 75'; • RJ: "Olho da rua", Sérgio Bloch, 82'; • RJ: "Santa Cruz", João Moreira Salles, 53'; 	<ul style="list-style-type: none"> • BA: "A porta da rua", Ana Rosa Marques, Cynthia Nogueira e Danilo Scaldaferrri, 52'; • SP: "Casa de cachorro", Thiago Villas-Boas, 26'; • SP: "Urbânia", Flávio Frederico, 70'; • SP: "Um pouco mais um pouco menos", Marcelo Masagão e Gustavo Steinberg, 20'; 	<ul style="list-style-type: none"> • BH: "A ponte", Fábio Carvalho, 5'; • GO: "As margens da Vila Roriz", Luiz Cam, 24'; • RJ: "Rio, um dia em agosto", Maria Augusta Ramos, 52'; • RJ: "Quando o passo vira dança", Pedro Seiblitiz e Paola B. Jacques, 10'; • RJ: "Cotidiano da cidade", Luiz E. Lerina, 52'; • RJ: "Ônibus 174", José Padilha, 133'; • SP: "Cidade", Tendal da Lapa, C. Aquarone e P.Kibelkstiš, F/D, 5'; • SP: "Motoboy -vida loka", Caito Ortiz, 52'; • SP: "Aurora", Kiko Goifman, 5'; • RJ: "Mine Cine Tupy", Sérgio Bloch, 6'; 	<ul style="list-style-type: none"> • BA: "Pelores", Aline Frey e Marília Hughes, 30'; • SP: "À margem da imagem", Evaldo Mocarzel, 72'; • SP: "Diário de bordo (São Paulo/9 dias em novembro)", Paola Prestes, 49'; • SP: "O paraíso não é aqui", José Lusimar, Lucenilda Santana e outros, 5'; • SP: "Armando o barraco", Rodrigo Valadares, Danilo Barreto e outros, 7'; • RS: "Passagens urbanas", Olavo Carvalho Marques, 25'; 	<ul style="list-style-type: none"> • BA: "No Pelo mora gente", Kau Rocha, 5'; • BA: "Você já foi à Bahia, nega?", Paulo Alcoforado; • MG: "Da janela do meu quarto", Cao Guimarães, 5'; • RJ: "Fala tu", Guilherme Coelho, 74'; • RJ: "Tudo sobre rodas", Sérgio Bloch, 74'; • RJ: "Estamira", Marcos Prado, 127'; • SP: "Morada", Alejandro Gerber Bicecci, 22'; • SP: "Não é o que é", Maria Gabriela da Silva, Paula Szutan, e outros, 6'; • SP: "Cosmópolis", Otávio Cury, Cói Belluzzo, Camilo Tavares, 55'; 	<ul style="list-style-type: none"> • DF: "Rap, o canto da Ceilândia", Adirley Queirós, 15'; • RJ: "Morro da Conceição", Cristiana Grumbach, 85'; • SP: "Em trânsito", Henri Gervaiseau, 96'; • SP: "Dormentes", Joel Pizzini, 15'; • SP: "O dono do prédio Graziela Kunsch", A.N.T.L.cinema e Centro de Mídia Independente, 42'; 	<ul style="list-style-type: none"> • SP: "Dia de festa", Toni Venturi e Pablo Georgieff, 77'; • SP: "À margem do concreto", Evaldo Mocarzel, 84'; • SP: "Elevado 3.5", João Sodré, Maira Buhler e Paulo Pastorelo, 75'; • SP: "Construção", Cristiano Burlan, 48'; • RJ: "Mataram meu gato", Ana Rieper e Maria José Freire, 15'; 	<ul style="list-style-type: none"> • SP: "Handerson e as horas", Kiko Goifman, 52'; 		
<ul style="list-style-type: none"> • ALE: "Berlin babylon", Hubertus Siegert, 88'; • FRA: "HLM Symphonie", Yann Kilborne, 8'; • FRA: "Cités de la plaine", Robert Kramer, F/D, 110'; 	<ul style="list-style-type: none"> • ESP: "En construcción", D/F José Luis Guerin, 127'; • ESP: "El otro lado...un acercamiento em Lavapiés", Basel Ramses, 111'; • FRA: "Sous le ciel lumineux de son pays natal", Franssou Prenant, 48'; • FRA: "Bonne Nouvelle", Vincent Dieutre, 60'; • HOL: "Side canal B - From refuge to houseboat boulevard", Huib Stam; 	<ul style="list-style-type: none"> • HOL: "Lagos/Koolhaas", Bregtje Van Der Haak, 55'; • FRA: "Cap estere", Antoine Page, 20'; • ITA: "Chiusura", Alessandro Rossetto, 74'; 	<ul style="list-style-type: none"> • ESP: "Dueños de nada", Sebastian Talavera Serrano, 30'; • HOL: "Dame la mano", Heddy Honigmann, 112'; • POL: "Ulica Wapienna" (Wapienna Street), Grzegorz Pacek, 28'; • POR/SUI: "Entre deux villages", Muriel Jaquerot e Eduardo Saraiva Pereira, 94'; • POR/CABV: "O arquitecto e a cidade velha", Catarina Alves Costa, 72'; • RUS: "Elektrichka" (Trem de subúrbio), Mayram Yusupova, 39'; 	<ul style="list-style-type: none"> • FRA: "Chats perchés", Chris Marker, 59'; • FRA/ESP: "Poligono Sur, Seville Coté Sud", Dominique Abel, 105'; • HOL: "Gemengde Sla" (Mixed Salad - Impression of a city oasis), Huib Stam, 50'; • ITA: "Appunti Romani", Marco Bertozzi, 56'; 	<ul style="list-style-type: none"> • HOL: "New Babylon de Constant", Victor Nieuwenhuijs e Martie Seyferth, 13'; • FRA/RUS: "La Maison Haute" Pavel Lounguine, 86'; 	<ul style="list-style-type: none"> • ALE: "Die gute Lage", Nancy Brandt, 14'; • ESP: "Ciudad dormida", Enrique Rodriguez, Moncho Fernandez, 9'; • ITA/BRA: "São Paulo - city tellers", Francesco Jodice, 48'; 			
					<ul style="list-style-type: none"> • EUA/FRA: "Light in April/ Lumière d'Avril", Justine Malle, 25'; 	<ul style="list-style-type: none"> • CAN: "Radiant city", Gary Burns e Jim Brown, 85'; 			
<ul style="list-style-type: none"> • IND/ALE: "Howrah Howrah", Till Passow, 26'; 			<ul style="list-style-type: none"> • ISR: "Garden", Adi Barash, Ruthie Shatz; 	<ul style="list-style-type: none"> • CMB/FRA: "Derrière la carte postale: Angkor, la bourse ou la vie", V. Leduc, 52'; • CHI/ING: "The concrete revolution" (A revolução do concreto), Xiaolu Guo, 62'; 	<ul style="list-style-type: none"> • CHI: "City scene", Zhao Liang, 23'; • TAI: "Taipei 4-way", Jay Shih, Hsian-Fu Lu, Chun-Hsiung Wang e Chun-Hui Wu, 62'; 	<ul style="list-style-type: none"> • CHI: "Danguanying", Liu Jiexin, Tang Xiaoliang, 75'; • CHI: "Dancing in the city", Fan Jian, 118'; • CHI: "Lotus Ferry", Dong Jia Du, 60'; 			